

**Adaptação e identidade:
O futebol como
instrumento de socialização.**

O caso do Varjão

por João Sassi de Almeida Santos





UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

João Sassi de Almeida Santos

**Adaptação e Identidade:
O Futebol como Instrumento de Socialização.**

O Caso do Varjão

Brasília, Março de 2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

João Sassi de Almeida Santos

**Adaptação e Identidade:
O Futebol como Instrumento de Socialização.**

O Caso do Varjão

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade Brasília como parte dos requisitos para conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientador: Daniel Schroeter Simião

Brasília

2012

Agradecimentos

Quero expressar minha gratidão
aos colegas e professores
que contribuíram para o encerramento
desse ciclo de 16 anos de graduação –
particularmente ao meu orientador,
Daniel Schroeter Simião,
por acreditar num caso quase perdido.
Em especial, agradeço **a meus pais**
pela rica educação recebida e,
ainda mais especialmente, **a minha Marcya,**
quem amorosamente me orienta
pelos caminhos da vida.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**Adaptação e Identidade:
O Futebol como Instrumento de Socialização.**

O Caso do Varjão

João Sassi de Almeida Santos

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daniel Schroeter Simião
Departamento de Antropologia - UnB

Profª. Andrea Lobo
Departamento de Antropologia - UnB



1. Vista aérea do Varjão (Foto: Blog do CB Azambuja)

Sumário

1.	Cap. I	Introdução	08
2.	Cap. II	Varjão: comunidade e Identidade	12
	2.1	Breve histórico	12
	2.2	Demografia	13
	2.3	Constituição da Comunidade – Imigração, Ocupação Desordenada e Violência	14
	2.4	Percepções iniciais	18
	2.5	Baú e os Baianos: migração e adaptação	19
	2.6	O Processo de Aceitação – Seu Tinho	22
3.	Cap. III	O Varjão e a Seleção Brasileira – Distanciamento Aparente	27
	3.1	Breve contextualização	27
	3.2	O Varjão e o Mundial de Futebol da África do Sul	34
4.	Cap. IV	O Time do Coração	45
	4.1	Um mosaico multicolorido	47
	4.2	“... mas também sou Bahia!”	51
	4.3	Um Palmeirense Radical – um caso à parte	54
	4.4	Apesar do Futebol, o isolamento	59
	4.5	Outra realidade	62
	4.6	“A Casa e a Rua”	67
	4.7	Corinthians, Campeão Brasileiro!	68
5.	Cap. V	O Jogo “puro e simples”	73
	5.1	Campeonato Amador de Futebol de Várzea do Varjão	75
	5.2	Grama sintética	78

6. Cap. VI Conclusão	86
7. Referências Bibliográficas	92

1. Introdução

“Nesta pesquisa (...), pouco iremos nos preocupar com as pessoas em geral. Encontraremos pessoas particulares e observaremos as coisas particulares que fazem. O padrão geral de vida é importante, mas só pode ser construído por meio da observação dos indivíduos cujos padrões configuram esse padrão”.

(William Foote-White)

Ao longo de toda minha existência – e mesmo antes de qualquer contato com o mundo acadêmico -, tive o futebol como um elemento estrutural naquilo que dizia respeito aos meus quereres e saberes.

Joguei e “li” futebol com a mesma intensidade que vivi e discuti o futebol. Por conta da fascinação que esse esporte sempre despertou em mim, experimentei sensações drásticas de tristeza, mas também de alegria, igualmente intensas. Aproximei-me da cultura brasileira ao verificar, pelo estudo do futebol, a relevância desse esporte no cotidiano da nossa população. Em como ele está presente no dia a dia do brasileiro, servindo de esteio para aproximar as pessoas ou mesmo para deixá-las mais à vontade num determinado ambiente, ainda que todos ao redor sejam completos desconhecidos.

Descobri que o futebol trouxe à tona brasileiros que, por meio da sua prática, personificaram o povo com uma maneira nova e especial de se jogar, cheia de gingas e improvisos, assim como faz a grande massa de cidadãos que trabalha arduamente, em sua labuta diária, sempre com malícia e inventividade na condução do cotidiano.

Foi estudando sobre o futebol que verifiquei sua importância como “amalgama social”, enquanto dava aos negros, por exemplo, a primeira oportunidade real de ascensão dentro da arcaica estrutura social brasileira, num Brasil ainda agrário, recém-saído da escravidão, adentrando o séc. XX.

Aliás, não somente aos de pele escura, mas também aos demais marginalizados e miseráveis deste país: antes do futebol se popularizar, não havia qualquer ocupação que fosse socialmente reconhecida ou que desse status ao enorme contingente de excluídos que habitavam, por exemplo, os cortiços da então Capital Federal, o Rio de Janeiro.

Ao longo do novo século, o futebol se consolidou como um esporte de massa em terras brasileiras, tornando-se o mais popular do país. E para além de sua popularidade, ele foi sendo, de certo modo, reinterpretado pelo jogador brasileiro, quem fez do futebol uma simbiose cultural, na qual a sociedade passou a se ver representada em campo à medida que as ações ali desenvolvidas refletiam o modo de ser, pensar e existir do cidadão; em suma, o imaginário e a subjetividade da própria sociedade.

E mais que isto, foi por meio do futebol que esse imaginário, antes inferiorizado e complexado (estigmatizado pela derrota na Copa de 50¹), desabrochou-se em confiança ao conquistar três títulos, em quatro possíveis, entre 1958 e 1970. A partir de então, o Brasil tornou-se “o País do Futebol”, internacionalmente reconhecido e globalmente admirado; um verdadeiro celeiro de craques que a conquistar ainda mais duas Copas, tornando-se o maior vencedor da história, atualmente.

Tal condição encheu de orgulho a população brasileira; esta, que a cada nova edição da Copa do Mundo provava sua paixão ao praticamente interromper as atividades

¹ *O Brasil foi derrotado por 2x1, na partida final, perdendo o jogo e o título, mesmo sendo franco favorito. O fracasso, em casa, repetido na Copa seguinte, provocou uma onda de pessimismo e mesmo de preconceito em relação à “qualidade” do povo brasileiro, levando o dramaturgo Nelson Rodrigues a cunhar a expressão “complexo de vira-latas”, na qual o autor procurou evidenciar a vocação algo kármica que o brasileiro tinha para o fracasso.*

cotidianas para acompanhar o desempenho da seleção brasileira pelos campos do mundo. Ruas eram pintadas, pontos facultativos eram decretados e toda a população se unia para apoiar “o Brasil” na disputa por mais uma taça, festejando suas glórias ou chorando seus insucessos. Em nenhum outro país o futebol parece ter tanto reconhecimento como no Brasil, sendo ele apropriado pela sua população local e alçado à condição de símbolo nacional.

Nesse contexto, e aceitando a interpretação segundo a qual “o futebol é uma atividade dotada de uma notável multidimensionalidade (...) que orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares” (DaMatta, 2006), busquei um tema que colocasse em evidência a relevância do futebol no Brasil.

Devido à abrangência e à penetração do futebol nos mais diversos aspectos da sociedade brasileira, conclui que lançar um olhar mais cuidadoso e específico sobre quaisquer desses aspectos poderia trazer à luz experiências potencialmente positivas.

Assim, decidi focar minhas análises e observações em casos nos quais o futebol assumisse o papel de possível instrumento de socialização, sem, no entanto, buscar adequação do material observado a qualquer modelo abstrato ou teórico previamente elaborado.

A fim de evitar divagações estéreis sobre um assunto tão amplo, e para que o estudo obtivesse maior representatividade, o campo de pesquisa foi concentrado na experiência de um grupo de imigrantes do interior da Bahia e sua adaptação a um novo centro urbano – no caso, o D.F. – tendo o futebol como pano de fundo.

A pesquisa foi conduzida de modo a acompanhar as principais formas de envolvimento desse grupo familiar com o futebol, o que possibilitou dividir o estudo em capítulos bem

definidos, nos quais pretendi explorar o quanto sua fruição contribuía para a inserção daquelas pessoas junto à comunidade local. Assim, e amparado por aquilo que o futebol representa para o Brasil em termos culturais, procurei apresentar o assunto explorando suas principais vertentes, como a identificação com a seleção brasileira, a paixão pelo time de coração ou a excitação pela disputa do esporte em si, além da contextualização do processo de constituição desse novo centro urbano para o qual se mudara o grupo estudado - o Varjão.

2. Varjão: Comunidade e Identidade

Breve Histórico

A Vila Varjão começou a ser povoada na década de 1960, quando as primeiras famílias ali se estabeleceram a fim de desenvolverem atividades agrícolas. De acordo com informações dos moradores mais antigos, foi a partir dos anos 70 que a pessoa que detinha a posse da área optou por dividir as terras entre seus empregados, embora ela fosse de propriedade do Governo do Distrito Federal - GDF e administrada pela Companhia Imobiliária de Brasília - TERRACAP.

Nos anos seguintes, notadamente entre 1977 e 1982 - período relevante para a constituição do Varjão, quando ocorreu o primeiro grande fluxo migratório -, novas divisões foram realizadas e os lotes distribuídos entre parentes e amigos dos que lá já se encontravam. Em 1984 foi realizado o primeiro estudo para viabilizar a permanência legal dos moradores na região, e cerca de dez anos mais tarde, o GDF publicou decreto (número 13.132, de 19/01/91) fixando a população no local, caracterizando um controle de crescimento e determinando a elaboração de um projeto urbanístico para a implantação definitiva da Vila Varjão. Em consequência, deu-se um segundo grande aporte de imigrantes no início dos anos 90.

Às famílias remanescentes, juntaram-se aquelas advindas de outras áreas do DF e também de outros estados, além das que foram fruto do próprio crescimento vegetativo local, aumentando significativamente a população que ia se espalhando de modo irregular e desordenado pela área disponível, e também para além dela, ocupando morros, encostas e margens de córregos.

Em 1997 foi encomendado um novo projeto urbanístico (ou, mais precisamente, o primeiro), ressaltando a necessidade de adensamento da comunidade com proposta de implantação de novas quadras e incorporação de novas glebas a serem parceladas. Em 2003, o Varjão desmembrou-se do Lago Norte e foi elevada à categoria de “RA”, passando a construir a XXII Região Administrativa do Distrito Federal.

Demografia

Segundo dados disponibilizados pelo Governo do Distrito Federal², referentes ao ano de 2004, a população do Varjão (atualmente estimada em torno de 10 mil habitantes), em termos gerais, possui as seguintes características:

- A população é jovem (cerca de 64% têm até 30 anos) e apresenta baixo índice de educação secundária.
- Mais de 2/3 da população do Varjão é de imigrantes, particularmente da Bahia.
- O mercado de trabalho se caracteriza por alto índice de desemprego e, no que tange aos ocupados, há especialização na prestação de serviços direcionados, sobretudo, para o Lago Norte (68,8% da população tem como local de trabalho esta área residencial).
- O nível de renda médio é de três salários mínimos.

² http://www.varjao.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=5172

Constituição da Comunidade – Imigração, Ocupação Desordenada e Violência

Ao final da primeira onda migratória, ocorrida na virada das décadas de 70/80, o Varjão tornou-se, cada vez mais, foco de marginalidade, visto que sua população vivia num contexto análogo de segregação planejada³, cujo modelo traz em si uma dicotomização da cidade, opondo centro e periferia. Ao final daquela década, sua população beirava os 4.000 habitantes.

Tendo enorme contingente de indivíduos nada, pouco ou mal alfabetizados, a população ali residente acostumou-se a empregar sua mão de obra em atividades majoritariamente informais que exigem baixa qualificação, obtendo, dessa forma, salários igualmente baixos. Muitos trabalham como autônomos, sem nenhum tipo de financiamento ou apoio técnico, bem como de garantias sociais trabalhistas - são inúmeros os caseiros, eletricitistas, mecânicos, serventes, peões-de-obra, empregados domésticos e balconistas; ocupações em que a desregulamentação e a ausência de vínculo empregatício são marcas recorrentes.

³ *Separação geográfica de grupos em razão da sua raça, etnia, religião ou qualquer outra categoria que arbitrariamente é utilizada como motivo de discriminação espacial dos seus membros. A segregação pressupõe um desequilíbrio de forças entre o grupo segregado e os autores da segregação. O grupo mais fraco é, conforme os casos, obrigado, por exemplo, a residir em áreas específicas, a deslocar-se nos meios de transporte que lhe são destinados ou a frequentar determinadas escolas e locais públicos (como restaurantes, prais, hotéis, etc). Historicamente encontram-se várias situações em que esta segregação esteve consagrada na lei, como foi o caso de numerosos estados dos EUA, até aos anos 50, ou do apartheid, na África do Sul. Onde tem força de lei, a segregação comporta a privação total ou parcial de direitos políticos reconhecidos ao resto da população. Noutras situações, a segregação atua ainda que sem força de lei, encontrando-se exclusivamente motivos económicos e sociais na sua origem, como é o caso dos guetos. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2011.*

Sem grandes perspectivas profissionais à vista e com enormes dificuldades para ter acesso à educação de qualidade, muitos se envolvem em atividades ilícitas, como o tráfico de drogas ou o assalto a residências próximas - ainda mais quando se está estrategicamente localizado, na intersecção de dois bairros nobres da Capital; a Península do Lago Norte e o Setor de Mansões do Lago Norte, moradas de uma população endinheirada e potencial consumidora de entorpecentes.

O aumento da violência tornou o Varjão uma referência negativa; em especial para aqueles que pagavam caro para morar nas adjacências (nos bairros já mencionados acima). A demonstração mais clara foi uma tentativa, por parte de um grupo de moradores de tais bairros, de remover os “invasores” para outra área do DF. Consta que, também por sua localização geográfica nobre, o local foi alvo de disputa e reivindicação por parte dos moradores “de direito” do Lago Norte. Visavam valorizar suas propriedades, anexando a área do Varjão ao Lago Norte "rico e desenvolvido", mas sem as pessoas que lá estavam.

Reuniões e abaixo-assinados foram organizados pelos proponentes da ação, causando igual reação por parte dos moradores do Varjão, os quais também passaram a organizar reuniões, deixando clara a intenção de resistir, fortalecendo a comunidade e, por fim, ganhando o pleito ao obter a garantia de permanência por parte do Governo do Distrito Federal (por meio do Decreto n. 13.132, de 19/01/91) que estabelecia a fixação da população no local, além da elaboração de projeto urbanístico para implantação do Varjão.

Com a garantia concedida em 1991, familiares, amigos e parentes dos que já se encontravam no Varjão, para lá se mudaram, aumentando o contingente e as necessidades da população – e também a violência.

Após passar os anos 1990 sem maiores alterações em seu aspecto socioeconômico e urbanístico, a comunidade do Varjão foi escolhida, no início da década seguinte, para ser contemplada com recursos do “Programa Habitar Brasil/BID”, destinados ao fortalecimento institucional de municípios e para a execução de obras e serviços de infraestrutura urbana e de ações de intervenção social e ambiental.



2 Moradora caminha por área remanescente do antigo Varjão

Dessa forma, foram desenvolvidas obras e serviços para a pavimentação e a urbanização de assentamentos precários, complementados com ações voltadas para o desenvolvimento comunitário da população residente, bem como para a regularização fundiária.

A partir das ações de urbanização advindas desse programa, a população afirma se sentir “mais segura”, visto que o acesso da polícia foi facilitado pela abertura de novas

ruas, pavimentação das já existentes, canalização das grotas e instalação de postes de iluminação pública.

Com a mudança do traçado urbano e a criação de vias de acesso, o policiamento se tornou mais ostensivo, posto que as viaturas policiais transitassem agora por trechos antes inacessíveis da comunidade, fazendo com que vários traficantes se mudassem para o bairro Itapoã, próximo ao Paranoá (região administrativa popular, distante 15 quilômetros do Varjão).



3 Aos poucos, barracos vão dando lugar a casas de alvenaria

Em conversa comigo, Danilo, cozinheiro de 31 anos e morador da comunidade desde a década de 90, confirma a situação de outros tempos: “Antes, isso aqui era igual filme de terror; morria um todo dia; a cada fim de semana eram dois ou três [assassinados]”, comentou, afirmando que agora, com a implantação de um posto da polícia militar no Varjão, a situação melhorou “um bocado”. Ainda assim, a partir das 22hs, quase não se

vê gente pela rua. Já recebi vários alertas para não dar carona a ninguém e não confiar em ninguém.

Janelson, um de meus principais interlocutores, perdeu seu irmão em novembro de 2010, assassinado a tiros de revólver, por conta de rixas entre seu filho e o filho de outro morador. A violência ainda é grande.

Urbanisticamente e arquitetonicamente, porém, as mudanças em relação ao início desta década são perceptíveis. Gradativamente, os barracos vão sendo substituídos por casas de alvenaria. O programa também foi responsável pela construção de edificações baixas e coloridas que emprestaram mais leveza à atmosfera da comunidade. Pequenas praças também foram urbanizadas, e onde antes havia somente terra e mato, hoje há, majoritariamente, calçada e asfaltamento. Ainda assim, é possível ver, aqui e ali, espaços que são uma memória viva do Varjão original: barracos miseráveis, feitos com restos de madeira e papelão, em meio a picadas, na vegetação.

Percepções iniciais

Tendo como parâmetro a definição de Fichter (1973), que propõe que “*comunidade é um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que servem de meios comuns para lograr fins comuns*”, e levando em consideração o histórico acima descrito, bem como as características físicas, sociais, econômicas e geográficas atuais do local, podemos entender como sendo componentes de uma mesma comunidade aqueles que ali residem (no Varjão).

Ainda que os novos tempos ofereçam uma gama múltipla de atividades produtivas e de lazer, sou levado a interpretá-los como indivíduos interligados por um mesmo cotidiano,

cujas reivindicações e objetivos ocupam um mesmo lugar no espaço. São quase todos pertencentes à mesma classe social, detentores de uma renda incompatível com os desejos da juventude que lá existe - que, ao fim, são os desejos da sociedade que eles veem pela TV.

Pelo recente passado de violência cotidiana, percebo certo recrudescimento nas relações interpessoais. Ainda que sejam perceptíveis os hábitos natais (principalmente da Região Nordeste), como, por exemplo, o da receptividade afetuosa e calorosa, é possível supor que os núcleos familiares sejam círculos sociais consideravelmente fechados – como se não pusessem confiar muito nos demais habitantes. Foi esta, aliás, umas das características mais marcantes que encontrei no grupo de baianos que me serviu de referência durante o trabalho em campo.

Baú e os Baianos: migração e adaptação

O patriarca deles, Seu Palmirinha, veio de Mundo Novo (BA), ainda na década de 60, “quando ainda não tinha ninguém aqui”, contou Danilo, um dos descendentes. Provavelmente, foi um dos funcionários do antigo posseiro que doou frações de terra aos empregados. Muitos anos após a vinda de Seu Palmirinha, outros de sua família foram vindo de Mundo Novo, um a um, ora com mulher, ora sozinho. Estabeleceram-se no Varjão desde então, somando muitas dezenas de parentes distribuídos em vários pequenos núcleos familiares.

Ainda que desfrutem dos aparentes benefícios da modernidade, principalmente quanto ao consumo de aparelhos eletrodomésticos e eletrônicos, como computador e celular –

algo inimaginável para a condição de vida que dispunham na terra natal -, nenhum desses núcleos obteve, até então, grandes ganhos financeiros. Entretanto, como trabalhadores tenazes, produzem o suficiente para uma vida digna, permanecendo unidos pela origem, por laços consanguíneos e pelo futebol.

Como um contraponto a esta família, relatarei o caso de Baú, um jovem de 22 anos que está entre aqueles que chegaram à época do segundo grande fluxo migratório, em 1992, tendo vindo do Maranhão com sua família, um ano após a “garantia de permanência” ter sido oficializada pelo GDF.

Diferentemente de boa parte dos imigrantes, Baú demonstra muito apego ao futebol e, apesar da origem nordestina e de morar no Varjão desde quase o nascimento, não está incluído em nenhum grupo dos vários que podem ser distinguidos em meio aos habitantes de lá. É um perfeito desgarrado em Corneville⁴.

Seguindo o exemplo de quase 50% da população da Vila, Baú não concluiu o 1º Grau. Ele faz parte dos quase 36% dos moradores que migrou da Região Nordeste há uma ou duas décadas, num tempo em que não havia ruas asfaltadas e a maioria absoluta das moradias eram barracos feitos de tábua, madeira, lona e papelão, em meio ao matagal. Até meados de 2005, 63% dos moradores se encontravam nessa condição – que é, ainda nos dias de hoje (2012), o caso da família do Baú.

Quando o trabalho de campo foi iniciado (em junho de 2010), Baú morava com a mãe e mais oito crianças, entre irmãos e sobrinhos em um barraco "caindo aos pedaços", cuja

⁴ Segundo Willian Foote-White, em sua exemplar etnografia sobre Corneville (nome fictício de North End, bairro pobre de imigrantes italianos, em Boston), o funcionamento daquela sociedade se baseava na correlação de forças e hierarquizações advindas de quatro organizações principais: as gangues de rua, os rapazes formados, a máfia e o poder político.

porta é um retalho de tábuas e o teto possui áreas cobertas com papelão e pedaços de telha.

Após abandonar os estudos, passou a se dedicar ao hip-hop, atividade muito difundida entre a juventude do Varjão. Pensava em poder “ganhar a vida” dançando. Os campeonatos envolvendo dançarinos profissionais ofertam pagamento em dinheiro, e Baú via nessa carreira a oportunidade de ganhar o suficiente para se sustentar e para ficar em evidência com as meninas, como ele costumava admitir.

Durante alguns anos, durante a adolescência, manteve-se concentrado naquilo que seria sua carreira e seu ganha-pão: a vida de dançarino. Não utilizava qualquer tipo de droga, treinava muito e sempre ajudava sua mãe com algum trocado que (e quando) os conseguia, fazendo “bicos” esporádicos.

Assim que atingiu a maioridade, porém, Baú mudou radicalmente os hábitos. Começou a fumar maconha, a consumir lança-perfume e bebidas alcoólicas e, em poucos meses, a utilizar drogas sintéticas, como ácido, êxtase e cocaína. Para sustentar o hábito, passou a fazer pequenos "corres" (buscar certa quantidade de droga com um traficante "maior" e revendê-la em partes menores).

A maior dificuldade, segundo ele me contava, era conseguir qualquer tipo de atividade remunerada. Quando aparecia uma oportunidade, o ganho financeiro era muito inferior ao obtido pelo tráfico. Além do mais, quase todos seus amigos e conhecidos se envolviam com o mundo das drogas, sendo difícil manter-se distante de ambientes frequentados por criminosos ou contraventores.

De acordo com Baú, seus outros amigos (que não tinham sido presos, mortos ou virado traficantes) tinham entrado para a Igreja Evangélica; "É tudo crente, agora! Não dá papo, não...", dizia. E completou: - "Sem dinheiro, não tem nem como ir às festinhas do

Plano (Piloto) e dos outros lugares; tudo é longe! Não tem como conhecer outras pessoas..." – afirma, deixando clara a sensação de querer interagir com pessoas para além dos limites geográficos de sua comunidade.

Já com uma crise neuropsíquica em seu currículo, ocorrida em 2009 e causada pelo consumo de um coquetel de drogas sintéticas, Baú teve, dois anos depois, novo surto psicótico - desta vez, pelo uso de cocaína - e começou a quebrar todos os (poucos) móveis que havia dentro de casa. Foram necessários quatro policiais militares para detê-lo.

Passou dois meses preso. Quando saiu, revelou que o tempo na cadeia havia mudado sua vida, e que sua missão, agora, seria criar um centro cultural para salvar jovens do Varjão do caminho "do Mal". Porém, pouco tempo após a saída da cadeia, Baú quase chegou a se envolver novamente com o tráfico de drogas.

Uma antiga namorada, no entanto, parece ter contribuído para que ela não voltasse a utilizar drogas ou a reinvestir no tráfico. Atualmente, estão morando juntos num pequeno quarto, ou "aluguel", como são chamadas pequenas, e muitas vezes insalubres, moradias de não mais que 15m². Está desempregado e tem vivido de bicos. Está sempre só, uma vez que não se sente pertencente a nenhum grupo, incluindo "os crentes (evangélicos)", "os do movimento hip-hop", "os jogadores/torcedores de futebol" ou "os noiados" (drogados/traficantes).

O Processo de Aceitação – Seu Tinho

Todo o histórico de lutas pela permanência e pela posse da terra fortaleceu o sentimento comunitário entre os moradores do Varjão – pelas minhas averiguações, a associação de

moradores local sempre foi forte e atuante na defesa da população do Varjão. Ao mesmo tempo, por conta da violência que perdurou em níveis altíssimos, durante muitos anos, percebe-se que os laços de parentesco são privilegiados em clara referência à necessidade de defesa e de proteção dos indivíduos. É, portanto, necessário uma espécie de salvo-conduto para ingressar nesse ambiente traumatizado. O meu atendeu, na primeira fase da pesquisa, pelo nome de Seu Tinho, um homem de meia-idade que trabalhava como caseiro em algumas residências próximas à casa em que eu morava, situada numa área rural análoga ao Varjão.

Nossa aproximação foi resultado das muitas caronas que dei a ele durante os anos que morei nesta área rural (denominada Córrego do Urubu). Como eu sempre gostei de futebol, e por notar o forte sotaque baiano (tal qual o de minha família), sempre que o pegava à beira da estrada, terminávamos por falar sobre o time do Bahia⁵.

Essa amizade superficial durou até o dia em que iniciei minha pesquisa de campo e fiz uma incursão de reconhecimento ao Varjão. Nesta mesma ocasião, tive a sorte de encontrá-lo pelas ruas, junto a alguns familiares que logo me foram apresentados, tornando-se minha primeira rede de contatos. Isso possibilitou meu acesso ao Varjão e me serviu como salvo-conduto, uma vez que, agora, eu poderia me tornar um frequentador do bar que funcionava na casa de Janelson, parente de Seu Tinho.

À primeira vista, Seu Tinho me tomou como um morador burguês da região do Lago Norte, o que só mudou quando ele apreendeu um pouco mais sobre a história da minha

⁵ Apesar de nem ele nem eu torcermos para o Bahia, era natural falarmos sobre o time “da nossa terra”, como um fator de união entre nós deixando de lado Flamengo e Corinthians, agremiações para qual torcíamos, eu e ele, respectivamente.

família paterna, nascida na cidade de Ipirá, situada na mesma região que a de Mundo Novo, de onde veio sua família.

Graças às raízes baianas em comum (que Seu Tinho sempre fazia questão de alardear a todos que me cumprimentavam, “ele é lá de Mundo Novo!” – adiantava-se), tornamo-nos simpáticos e próximos, um ao outro.

A verdade é que eu não era de Mundo Novo e sequer de Ipirá - ou mesmo da Bahia! -, mas a partir do momento em que revelei minha "suposta baianidade" (emprestada de meu pai, que – este, sim - nasceu e passou a infância nessa mesma região, situada no interior do estado), Seu Tinho passou a me tratar com mais entusiasmo do que o normal. Ainda que minhas ligações com a Bahia fossem, em grande parte, afetivas, ele me tratava como se eu fosse, assim como ele, um imigrante em terras brasileiras. A partir desse princípio de confiança conquistada, passei a frequentar o boteco improvisado que Janelson instalara na garagem de sua casa. Meu intuito era o de observar o envolvimento dos torcedores do Varjão com o futebol em suas diversas possibilidades.

Inicialmente, verifiquei a existência de três categorias – níveis de aproximação e intimidade - dentro de um mesmo contexto: a de familiares entre si e também nordestinos; a de não familiares, mas nordestinos; e a de não familiares e não nordestinos. Ser nordestino ajuda, mas ser da família é ainda mais importante para ser aceito no ‘núcleo’ dentro do qual os segredos não existem; trata-se de uma instância apenas visível e acessível àqueles que dela fazem parte.

O núcleo familiar que se reunia no bar de Janelson permanecia interligado, quase que diariamente, por amor ao futebol, enquanto jogadores, e por divergências futebolísticas, enquanto torcedores.

Tendo Janelson como anfitrião e aparente líder, esse grupo reunia em torno de si outros grupos, igualmente humildes e majoritariamente nordestinos, trabalhadores simples e simpatizantes do futebol, afeitos a este esporte como componente básico do dia-dia. Um componente multifacetado, dada a diversidade de formas e de possibilidades com que se apresenta ao admirador do jogo.

Para este admirador, o futebol é encarado como elemento estruturante, fundamental para sua existência, dando sentido e organizando um cotidiano que gira em torno do trabalho e da família; é algo que une a todos pelo objetivo comum de vencer o torneio local amador, mas também (e talvez, principalmente) pela adversidade, quando se entregam à discussão sem fim que o clubismo lhes enseja - um fenômeno que, nas palavras de Arlei Damo, representa uma espécie de totemismo moderno:

“a variedade de práticas futebolísticas; os meandros da espetacularização; a mercadorização de jogadores; as representações sobre o futebol entre jovens de classes sociais distintas; as relações de gênero e o estatuto da masculinidade. Esse rol de aspectos intrínsecos ao esporte gera o clubismo, (...) uma espécie de totemismo moderno, já que este é a força motriz do futebol de espetáculo, dado que se trata de um fenômeno que conforma as comunidades de pertencimento e de afetividade às agremiações esportivas” (Damo, Arlei. 2005).

Quando não estão trabalhando, ocupam boa parte do tempo se dedicando ao futebol: seja no bar assistindo a um jogo, seja quando entram em campo para uma pelada ou para defender as cores de um time amador do campeonato local, seja quando estão simplesmente reafirmando, em conversas diárias, a superioridade do time pelo qual torcem, vê-se o quão importante essa relação ritualística com o futebol se tornou para o processo de integração do imigrante junto a uma comunidade marcada pela violência e pela pobreza generalizada.

Tendo em conta o quadro social acima relatado, optei por concentrar minhas observações nos indivíduos que compunham alguns dos diversos núcleos que formam o grande “clã” dos baianos. Concluí que eles poderiam me conduzir pelo processo por meio do qual eu tentaria verificar a utilização do futebol, em suas diversas formas de fruição, como instrumento de socialização num cotidiano de violência e carência material.

Em termos absolutos, estou estudando sobre a relevância do futebol no cotidiano de um grupo de imigrantes a fim de descobrir sua utilização como instrumento de socialização em uma comunidade carente, pois vislumbro, com esse estudo, contribuir com o desenvolvimento de novas políticas públicas voltadas para a área.

3. O Varjão e a Seleção Brasileira – Distanciamento Aparente

“Povo que podia vencer como país moderno e que podia finalmente cantar com orgulho o seu hino e perder-se emocionado no campo verde da bandeira nacional.”

Roberto DaMatta

Breve Contextualização

Reconhecidamente um legítimo símbolo da identidade cultural nacional, é possível afirmar que a Seleção Brasileira de Futebol esteja atravessando, no âmbito geral, um momento de redefinição no imaginário popular.

Em contraposição ao perfil delineado ao longo da história, segundo o qual esta identidade se refletiria num comportamento passional e orgulhoso do torcedor brasileiro, esse momento de redefinição enseja que a Seleção Brasileira esteja sendo cada vez menos interpretada como um produto do povo e cada vez mais como produto de exportação - o que poderia se refletir numa suposta diminuição da paixão que o brasileiro sente em relação a ela. Sobre isso, o cientista social Édison Gastaldo afirma:

“pode ser percebida a transformação da seleção brasileira (um símbolo da nacionalidade para os brasileiros, como a bandeira e o hino) em um produto a mais no marketing mundial da empresa Nike”. (Gastaldo, 2002:58)

Se tomarmos o mundo das redes sociais presentes na internet como base de análise, não demorará muito tempo até que o observador perceba um sensível desencanto do torcedor em relação à seleção que representa o Brasil, o mesmo ocorrendo em relação

aos jornalistas e principais articulistas que cobrem o esporte. Há um senso comum de que a Seleção Brasileira esteja se tornando - se é que já não se tornou - um produto concebido para gerar lucros a uma empresa privada: a Confederação Brasileira de Futebol - CBF.

“Em 1997, a CBF iniciou uma parceria com a NIKE, que se comprometeu a pagar US\$ 160 milhões por dez anos de exclusividade no fornecimento de material esportivo e pelo direito de promover 50 partidas amistosas da seleção brasileira. Em 1998, a Coca-Cola antecipou-se em renovar seu contrato com a entidade, também com valores majorados (até então pagava US\$ 2 milhões por ano). (...) Sem dívida, a CBF oferece um dos melhores exemplos da mercantilização da imagem construída pela tradição futebolística no Brasil. (...) Poderíamos ponderar se estamos falando da mercantilização de um bem público, considerando a seleção como um símbolo nacional. E alguém poderia perguntar, ingenuamente: a obtenção de lucros comerciais por intermédio de um bem público não caracterizaria um caso de privatização indevida?” (Próni, 2000:204).

O questionamento final de Próni se torna ainda mais pertinente quando amparado por raciocínios conclusivos sobre a apropriação da seleção como símbolo cultural pátrio por parte da população; nas palavras de Roberto DaMatta:

“No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol (...) que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional: a bandeira, o hino e as cores nacionais, esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos.” (DaMatta, 2006:165)

“Dona” desse símbolo, a CBF se vê desimpedida para fazer da marca “Seleção Brasileira” o chamariz para toda a sorte de contratos comerciais, muitos dos quais, sob suspeita de atos ilícitos. O presidente da entidade, Ricardo Teixeira, há mais de duas décadas no cargo, tem sido alvo de constantes denúncias e investigações por parte da

Polícia Federal e do Ministério Público, sob a acusação de diversos crimes financeiros⁶.

A gestão de Ricardo Teixeira começou a se destacar das anteriores por conta da profissionalização com que passou a tratar os interesses da Confederação Brasileira de Futebol, o que incluiu contratos de exclusividade com multinacionais que propiciam lucros cada vez maiores e mais impressionantes. Tais contratos, apesar de financeiramente vantajosos à CBF, aparentemente passaram a criar certas dificuldades ao torcedor comum, que desde então, se viu praticamente alijado do cotidiano do time nacional. Afinal, devido à estratégia desenvolvida pelo departamento de marketing e ao tratamento especial que os atletas passaram a receber – reconhecidos, agora, como celebridades mundiais –, o isolamento entre eles e os torcedores tem se tornado a regra.

Isto porque a maior parte das partidas, amistosas ou oficiais, raramente tem sido disputada em solo pátrio (e quando o são, se realizam a um custo incompatível com a realidade econômica da maioria dos cidadãos brasileiros). Culpa, em parte, da ganância de empresários locais, mas principalmente da venda de direitos de realização de amistosos, o que dá ao contratante o direito de levar o time canarinho⁷ para onde bem entender. Como resultado, tem sido frequente ao Brasil disputar partidas contra equipes tecnicamente muito inferiores, em praças igualmente distantes e pouco tradicionais, como Abu Dabi, Egito, Zimbábue ou Gabão. O jornalista esportivo Victor Ernesto

⁶ “Intimado pela Polícia Federal do Rio de Janeiro, o presidente da CBF, Ricardo Teixeira (...) é investigado por um suposto esquema de pagamento de propina a pessoas ligadas à Federação Internacional de Futebol (Fifa) na década de 90. O pedido de investigação contra os irmãos Teixeira foi feito pelo procurador da República, Marcelo Freire, da vara criminal.” Fonte: UOL Esporte, 03/11/2011 - 21h40

⁷ Apelido carinhoso dado à Seleção Brasileira de Futebol, reconhecido internacionalmente.

Birner assim externa tal percepção:

“O casamento do povo brasileiro com a seleção nacional está em crise faz mais de duas décadas. Não posso precisar exatamente quando tudo começou. Tenho a impressão de que foi na Copa do Mundo de 1990, coincidentemente um ano após Ricardo Teixeira assumir a presidência da CBF.” (Birner, 2011) ⁸

Além do mais, outro fator que incrementa o distanciamento entre o torcedor e o time brasileiro é o grande número de jogadores que atuam em times de fora do país. De acordo com dados disponibilizados pela Confederação Brasileira de Futebol, em fins da década dos anos 2000, o número de jogadores brasileiros vendidos ao exterior batia recordes⁹.



4 Torcedor local prestigia a seleção brasileira: cena rara

Todos esses fatores, no entanto, vinham sendo encobertos pela excitação causada por

⁸ <http://blogdobirner.virgula.uol.com.br/2011/10/28/johan-crujff-para-o-comando-da-selecao-brasileira/>

⁹ Segundo a CBF, foram 1.176 transferências em 2008, o maior número da história. É mais do que o dobro dos 530 negociados há dez anos. E treze vezes mais do que os 87 que partiram há trinta anos - matéria especial publicada sob o título “FUTEBOL BRASILEIRO TIPO EXPORTAÇÃO” (www.globoesporte.com.br - 22/12/08).

contínuos sucessos obtidos pela equipe nacional a partir da metade dos anos 90; quando chegou a três finais consecutivas de Copa do Mundo. Entretanto, segundo o próprio Birner, as vitórias obtidas em 1994 e 2002 estariam inseridas num “período de exceção”.

Entre 1994 e 2005, o Brasil que resgatara a hegemonia do futebol mundial, tendo conquistado vários títulos expressivos, era o mesmo Brasil que, ano após ano apresentava ao mundo um craque diferenciado, apto a ser eleito o melhor do Planeta nas eleições organizadas pela *Fédération Internationale de Football Association* - FIFA. Foi o que ocorreu, por exemplo, a Romário (94), Ronaldo (96/97/02), Rivaldo (99) e, mais recentemente, Ronaldinho Gaúcho (04/05) e Kaká (07).

“Ter participado de todas as Copas do Mundo, sendo recordista em finais e em títulos, garante uma reputação invejável, sem contar o destaque individual dos atletas, seguidamente premiados como melhores do mundo. Essas conquistas são tidas como a afirmação mais eloqüente do Brasil em escala planetária.” (Damo, 2006)

Desta forma, o Brasil que chegou à Copa da Alemanha (2006), o fez como grande favorito por haver conquistado todos os torneios relevantes, anteriores ao Mundial - vencera a Copa do Mundo (2002), a Copa América (2004) e a Copa das Confederações (2005). Tratava-se, portanto, de um Brasil vencedor, pentacampeão mundial de futebol.

O fim do bem-estar entre torcedores e jogadores, porém, se deu logo nas quartas-de-final, com a vexatória eliminação ante a França. Imediatamente após esse fracasso, em uma das mais apáticas apresentações de uma Seleção Brasileira em toda a história das Copas do Mundo - o primeiro chute brasileiro ao gol francês foi dado somente aos 44 minutos do segundo tempo!-, uma torrente de críticas se abateu sobre os principais nomes da equipe brasileira; principalmente sobre os “estrangeiros”; aqueles que

atuavam em grandes equipes europeias.

Estes foram chamados de mercenários por conta dos milionários contratos firmados com clubes europeus e também com poderosas multinacionais, o que, segundo a torcida e a mídia, estaria desviando o foco dos atletas, resultando em péssimas atuações. Outros foram acusados de não se prepararem adequadamente para a Copa; estariam fora das condições físicas ideais e até gordos!

Houve quem lembrasse que muitos atletas teriam se apresentado à seleção já em solo europeu, contrariando o ritual brasileiro de reunir toda a comissão técnica e jogadores ainda no Brasil, na Granja Comary, tradicional sede da seleção, em Petrópolis, Rio de Janeiro. Por conta disso, os jogadores foram acusados de estrelismo e desunião.

“A culpabilização dos jogadores estrangeiros pela derrota (...) envolve, com bastante clareza, uma avaliação moral que passa pela trajetória da maioria dos jogadores. Em geral, pobres que enriqueceram, são acusados de se esquecerem da vida de pobreza, esquecendo e negando sua origem no sentido mais amplo: sua gente, seu país, seus valores. Acusados, direta ou indiretamente, de não se empenharem suficientemente para a obtenção da vitória, de não lutarem, são acusados, de fato, como traidores da pátria, vendidos que foram pelos valores monetários.” (Guedes, 2002)¹⁰

Após a Copa da Alemanha (2006), em resposta àquilo que foi considerado um fracasso pelos brasileiros, a CBF contratou o ex-jogador Dunga para o comando do time. Conhecido pela obediência e obstinação, este gaúcho de temperamento forte foi o escolhido para implantar uma filosofia disciplinadora na seleção.

¹⁰ A referida citação foi alusiva à derrota do Brasil ante a França, na final da Copa de 1998, mas encaixou-se à perfeição ao momento vivido em 2006.

Tendo conquistado alguns jogos importantes a partir de então, a equipe brasileira chegou à Copa seguinte, disputada na África do Sul, com outro espírito: em vez de samba e malandragem (marcas da geração anterior), o técnico queria garra e obediência. Seus comandados logo ganharam a alcunha de “guerreiros”, posto que o técnico lhes cobrasse espírito de luta e comprometimento em detrimento da categoria e da própria técnica do atleta, numa clara referência à exclusão do astro Ronaldinho Gaúcho do time que foi à Copa.

A importância de se apresentar o histórico recente da Seleção Brasileira sob a atual gestão se faz necessária para que o leitor tenha dados que o auxiliem na busca por uma compreensão do que estaria por trás da suposta atual falta de interesse do torcedor brasileiro em relação à seleção que (supostamente) o representa.

Ainda que a rígida filosofia de trabalho do novo técnico despertasse polêmica entre os torcedores e jornalistas brasileiros, é com ela que a Seleção vinha obtendo sucesso, ao menos em termos de resultados. Acreditei, portanto, que durante a Copa eu fosse presenciar, no Varjão, aquilo que já se tornou uma ritualização de nosso patriotismo em épocas de Copa do Mundo.

"(...) Se constitui um tempo próprio e uma história própria, apresentados e vividos como suspensos em relação ao tempo histórico (...), no qual outras disputas e confrontos no futebol são englobados e suspensos nestes períodos, sendo lançados ao esquecimento no mesmo processo e intensidade com que o foco é colocado sobre o nível nacional." (Guedes, 2002)

Tendo todas essas informações em conta, comecei minha investigação no Varjão, exatamente no dia da estreia da Seleção Brasileira na Copa da África do Sul, em junho de 2010.

O Varjão e o Mundial de Futebol da África do Sul

Passando pela única via de acesso que conduz o visitante à principal avenida da comunidade, pude observar a ausência quase que total de artefatos alusivos à época de Copa. Apesar da estreia da Seleção Brasileira, quase nenhuma bandeirola verde-amarela pelos postes ou pintura no asfalto que fizesse referência aos jogadores brasileiros. Pelas ruas, pouca coisa lembrava que, dali a instantes, o Brasil estrearia; não se via nem mesmo torcedores trajando a camisa amarelo-ouro da seleção, salvo um ou outro.

No pátio da casa onde Janelson montara seu improvisado bar, os presentes se acomodavam em cadeiras de plástico, buscando pelas poucas áreas sombreadas do ambiente.

A poucos minutos da estreia brasileira, não se notava qualquer clima de maior efusividade. Enquanto a partida não se iniciava, um grupo se ocupava de apostar alguns trocados jogando baralho ou bilhar. Uma música altíssima impedia que se conversasse sobre as expectativas quanto ao jogo. A maioria dos presentes chegava e se sentava calada, sem nem mesmo pedir algo para beber.

Talvez o cenário fosse diferente, caso o volume - do aparelho de som (antes e após as partidas), ou o da televisão (à máxima altura) - não interferisse tanto na comunicação entre os presentes. Qualquer diálogo só podia ser feito aos berros, ao pé-de-ouvido alheio. Isso gerou uma situação paradoxal; por causa de tanto barulho, a torcida passava a maior parte do jogo assistindo-o em silêncio.

Por detrás do balcão, Janelson berrava, alertando a todos que as apostas para o “bolão”¹¹ seriam encerradas dali a minutos. Assim que o jogo iniciou, aumentou o volume da televisão ao máximo e deu as apostas por encerradas.

Os torcedores presentes se puseram em silêncio, compenetrados. No ar, entretanto, não se sentia tensão. No decorrer da partida, a participação da torcida, gritando, vibrando ou mesmo torcendo, foi pequena (em que pese o altíssimo volume da TV). E ao final do jogo, mais reclamações do que elogios; os 2x1 sobre os norte-coreanos foram considerados pelos presentes como “muito pouco”.



5 Na estreia da seleção, a torcida ficou com cara de poucos amigos

¹¹ Modalidade de apostas segundo a qual o valor das apostas é distribuído entre os torcedores que sugerirem acertadamente o placar final de um jogo, p.ex., Brasil 3x0.

Em clima de lamúria, foram se retirando do local que, rapidamente, se esvaziou; a maioria tinha de voltar ao trabalho, seja no comércio ou em serviços domésticos. Os poucos que restaram voltaram ao bilhar e ao baralho. Sobre o jogo da Seleção Brasileira, nenhuma palavra foi dita nas horas seguintes; era como se não houvesse ocorrido.

A partida seguinte, contra a seleção da Costa do Marfim, marcaria a possibilidade de reconciliar o torcedor com a seleção. “Jogando como Brasil” (nas palavras de Seu Tinho, que assistia à partida ao meu lado), os comandados de Dunga envolveram os marfinenses com rápidas trocas de bola e passes precisos. Muitos dos torcedores presentes se manifestaram positivamente em relação à atuação do Brasil. O noticiário esportivo, logo após a vitória brasileira, falava em “restabelecimento da paz entre o time e a torcida”.¹²

Por ser um dia de Domingo, criara a expectativa de que o movimento no bar fosse superior ao que fora registrado no jogo de estreia (na terça-feira), quando 40 torcedores estiveram presentes. No entanto, somente 35 pessoas passaram por lá: “Possivelmente, porque estão vendo (o jogo) com a família, fazendo churrasco...” – justificou Janelson.

Na rodada seguinte, realizado numa sexta-feira, contei 25 torcedores – todos demonstrando total insatisfação com o empate em 0x0, obtido contra Portugal, num embate tecnicamente pobre. A empolgação pela vitória no segundo jogo havia acabado.

Fato é que, mesmo a seleção avançando, não se percebia, no torcedor do Varjão, a satisfação de quem confia num título mundial. Vibravam pouco durante as partidas, e

¹² <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa2010/2010-06-20/brasil-costa-do-marfim.html>

tão logo as partidas se encerravam, diluíam-se, restando apenas alguns poucos pelo pátio, logo a se preocuparem com a jogatina de antes. Não se falava nada sobre a atuação dos jogadores; no máximo, um ou outro comentário solto no ar, e normalmente de insatisfação.

A principal delas recaía sobre a ausência de dois jogadores que, no momento em que acontecia a Copa, eram indiscutivelmente os dois melhores em atividade no Brasil. Segundo os poucos comentários feitos (e audíveis), a seleção estaria bem melhor com o estilo criativo de ambos. É um sinal de que os torcedores não estariam se sentindo representados pelo burocrático conceito do treinador, cuja essência não respeitaria o futebol-arte brasileiro consagrado mundo afora.

Tendo avançado à fase final, com partidas eliminatórias, não havia nenhum sinal de que o torcedor estivesse contente com o desempenho da seleção até então. O termômetro da torcida estava sempre em morna temperatura.

O auge de público e confiança, no entanto, aconteceu numa inesperada segunda-feira, na vitória sobre o Chile (3x0), pelas oitavas-de-final, quando mais de 40 torcedores compareceram e, pela primeira vez em quatro partidas, beberam cerveja à vontade. Talvez pela quantidade de gols, aliada à facilidade com que dominou o adversário, o torcedor tenha se empolgado. Instaurou-se um clima de “agora vai!”, no ambiente. O reflexo dessa empolgação pôde ser visto na permanência da maioria deles no bar, mesmo após o término desta partida. O clima de euforia seguiu até mais tarde.

Naquele dia, o consumo de álcool também foi bem acima do normal, e como resultado, as pessoas se mostraram bem mais amistosas do que em ocasiões anteriores. A alegria pela vitória do time brasileiro associada à quantidade de álcool ingerida, certamente

contribuiu para a descontração reinante.

Na ocasião, alguns dos presentes se mostraram mais afetuosos em relação a minha pessoa. Madruga, um rapaz com pouco mais de vinte anos que trabalha como balconista em uma loja de material de construção, se aproximou de mim e comentou: “*Agora eu sei quem você é, e vi que você é um cara legal. Antes, pensei que você era ‘X9’*”¹³. Ele havia se informado a meu respeito com Janelson. Trata-se de uma atitude natural, posto que o Varjão fosse, até recentemente, um local muito violento. Ademais, fui informado por Danilo, parente de Janelson, que uma operação da Polícia Civil havia prendido alguns traficantes locais, poucas semanas antes; ele comentou que “todo fim de semana morriam dois ou três por conta de droga!”.

Visivelmente alcoolizado, Madruga conversou comigo por muito tempo, como se fôssemos velhos amigos. Revelou-se piauiense e palmeirense. Esta foi a primeira ocasião em que eu era, efetivamente, tratado com distinção por alguém que não me conhecesse previamente. Eufórico com a vitória e com classificação, Madruga se aproximou de mim e se abriu, revelando informações sobre si mesmo e até mesmo sobre o que pensava a meu respeito, denotando confiança. No jogo seguinte, no entanto, totalmente sóbrio, Madruga não revelou a mesma espirtuosidade.¹⁴

Até Janelson pareceu surpreso com a quantidade de torcedores presentes àquela ocasião, pois, além de não fazer o bolão, não preparou qualquer petisco para por à venda, senão

¹³ *Gíria marginal que se refere a um agente policial infiltrado que repassa informações sobre o mundo do crime.*

¹⁴ *Sobre esse aspecto, aliás, cabe salientar que muitos dos presentes assistiam às partidas sem consumir bebidas alcoólicas, ou bebiam muito pouco.*

pele de porco frita – o tradicional torresminho. O despreparo para receber aos fregueses era patente.¹⁵

O público daquela tarde foi, de fato, o maior que já contabilizei naquele bar. Mais de um ano após a Copa, em nenhuma outra ocasião em que estive presente, verifiquei mais que vinte pessoas.

Indagado por mim sobre a falta de paixão expressada pela torcida em relação à Seleção Brasileira, Janelson, alegava que torcia por “uma seleção que não existe mais, que joga um futebol mais bonito”. Segundo ele, “*essa seleção aí não presta!*”. Outros torcedores, quando indagados, demonstravam insatisfação, mesmo quando não sabiam explicar por que, o que podia ser lido nas entrelinhas da seguinte declaração: “Mas enquanto estiver ganhando, tá bom!”.

Talvez o torcedor estivesse momentaneamente influenciado pela nova face de pretensões politicamente corretas da seleção, cujo maior expoente era o meio-campista Kaká; evangélico (como mais da metade dos titulares), era tido por todos os fãs do esporte como sendo de comportamento irretocável e verdadeiramente exemplar.

Escortado pelo auxiliar-técnico Jorginho, ex-jogador e também um fervoroso evangélico, Dunga logo conseguiu que todos assimilassem uma postura de constrição das ideias, o que era identificável pela postura dissimulada dos atletas, cujo principal traço era a notável dificuldade de comunicação com a imprensa, controlada a mão de ferro pelo técnico que queria um grupo “fechado”, que evitasse expor a dinâmica interna do time. Disso resultou uma equipe cheia de garotos bons e obedientes, mas aparentemente sem personalidade.

¹⁵ *Muito tempo depois, fui informado sobre a inaptidão de Janelson como proprietário. Deste assunto, tratarei no CAP IV.*

No jogo seguinte, os torcedores presentes ao bar do Janelson ainda traziam a felicidade pela última vitória e, principalmente, pela esperança de que o Brasil, enfim, mostrasse seu melhor futebol.

Mas, se no primeiro tempo, quando o Brasil abriu o placar, sobraram elogios e confiança ao torcedor brasileiro, no segundo, quando os holandeses viraram o jogo, eliminando a seleção da Copa, a reação foi diametralmente oposta.

Mais uma vez - assim como em 98 e em 2006 -, técnico e jogadores foram amaldiçoados e mal falados por quase todos. Quebrou-se, naquele instante, um suposto pacto que o técnico Dunga queria estabelecer com o torcedor brasileiro, desde antes da Copa.

Tendo se mostrado, ao longo dos três anos anteriores, um profissional sectário e intransigente, Dunga travou uma batalha de bastidores (e às vezes até pública¹⁶) com a imprensa esportiva brasileira, em especial, com alguns jornalistas da TV Globo, a principal emissora brasileira e virtual parceira da Seleção Brasileira desde que adquiriu os direitos de exclusividade para a transmissão dos mundiais, no início dos anos 80.

“As transmissões das Copas do Mundo, a partir de 1982, na Espanha, tornaram-se exclusividade da TV Globo, que passou a exercer, de forma direta, sua influência sobre a totalidade do futebol brasileiro, em geral, e sobre a seleção, em particular.”
(Rocco Junior, 2005)

Vencida a desconfiança quanto ao início de seu trabalho à frente do cargo, quando

¹⁶ Após a vitória sobre a seleção da Costa do Marfim, pela segunda rodada da Copa2010, em entrevista coletiva, o técnico brasileiro foi flagrado pelos microfones se dirigindo ao jornalista Alex Escobar, da Rede Globo de Televisão, com palavras chulas como "merda, puto e cagão".

sobrepujou adversários de peso, como Argentina e Itália, e fortalecido por alguns títulos conquistados, Dunga passou a tratar a imprensa de modo cada vez mais rude.

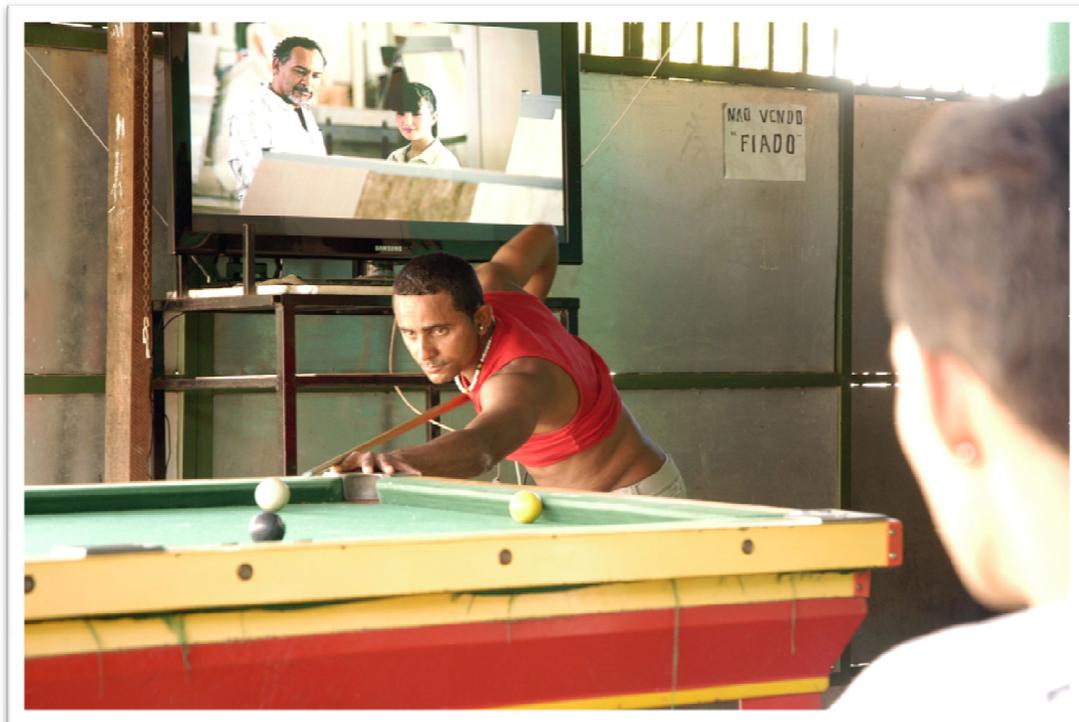
Parece haver ignorado a influência que os meios de comunicação têm sobre o torcedor, e para compensar esse desequilíbrio de forças, apostou na histórica identificação deste para com a Seleção Brasileira. O resultado é que, enquanto esteve bem, colecionando vitórias e títulos, contou com um apoio crescente da população (ainda que a qualidade do futebol apresentado por seus comandados estivesse aquém das expectativas do torcedor). Quando, porém, perdeu o único jogo que não podia perder (por ser eliminatório, em plena Copa do Mundo), o técnico brasileiro foi defenestrado; abandonado pela torcida e pela imprensa, como bem expressou o jornalista André Rizek, ainda durante o Mundial, ao se referir aos modos do comandante brasileiro: *“Dói no meu coração (...) ver que o cartão de visitas de um povo alegre e do bem foi tomado pela mensagem do ódio, da ignorância, do rancor.”* (Rizek, 2010)¹⁷

A partir das reações observadas junto aos torcedores durante todo o torneio, pode-se questionar a atual importância da Seleção Brasileira para aquele grupo, visto que em momento algum este pareceu acreditar que o time brasileiro fosse se sagrar mais uma vez, campeão.

Em nenhum momento durante a participação brasileira na Copa (salvo na partida contra o selecionado chileno), os torcedores presentes ao Bar do Janelson demonstraram sintonia ou comunhão. Nem mesmo quando o Brasil fazia um gol ou ganhava uma partida, o “gelo” era quebrado: as comemorações eram contidas, e os torcedores pouco

¹⁷ <http://colunas.sportv.globo.com/andrerizek/2010/06/21/apesar-de-voce/>

celebravam ou se abraçavam. Prevaleceu, durante todo o torneio, uma atmosfera de compromisso e insatisfação ao gozo e à festividade inerente ao momento (ao menos, em tese). Independentemente das partidas do Brasil, a maior excitação ficava por conta das inúmeras possibilidades de apostas: dominó, baralho, bilhar ou, em dias de jogo, um bolão para acertar o resultado.



6 A mesa de sinuca de Janelson é mais demandada que sua luxuosa TV de plasma.

Em contrapartida, meses após o campeonato mundial, assim que a Seleção passou a ser dirigida pelo técnico Mano Menezes (que logo em sua primeira convocação chamou os jogadores preferidos do torcedor, Ganso e Neymar), as opiniões colhidas eram outras: “*Agora, sim!*”, exclamaram, ao ver o Brasil vencer de 2x0 a seleção dos Estados Unidos, em partida amistosa.

Contudo, com o passar dos meses (e com apresentações tecnicamente fracas), a opinião geral voltou a ser muito negativa. Na disputa da Copa América, um ano após a

eliminação da Copa do Mundo, por exemplo, não se via qualquer entusiasmo no torcedor local em relação à participação do Brasil no campeonato continental. Durante as partidas do Brasil, muitos dos que estavam no boteco do Janelson mantinham-se atentos ao jogo de cartas que disputavam, sem sequer olhar para a TV para ver como estava o desempenho da seleção.

Na partida em que a seleção foi desclassificada, perdendo a disputa de pênaltis para o Paraguai, o desinteresse era tal que, durante o jogo, uma dupla de amigos jogava sinuca bem em frente aos telespectadores, atrapalhando a visão dos poucos que olhavam para a televisão - mas ninguém reclamava, tão ruim era a apresentação do Brasil.

Terminado o embate, os presentes agiram com o mesmo desdém que demonstraram quando da eliminação da Copa da África do Sul, o que ficou sintetizado na frase de Janelson, enquanto desligava o aparelho televisor: “Isso num presta!”, disse, referindo-se à Seleção; seu gesto foi assentido por quase todos os presentes.



7 Familiares disputam partida de dominó no Bar do Janelson

De fato, independentemente do torneio em questão (ora Copa do Mundo, ora Copa América), fato é que o torcedor do Varjão não tem valorizado o time nacional. Em jogos amistosos a situação era ainda pior, visto que, em alguns casos (como em amistoso realizados em dia de semana), os bares sequer estavam abertos ao torcedor, já se sabendo que eles não apareceriam. Em recente conversa com Danilo, perguntei sobre o que ela achava das atuações do Brasil nos últimos amistosos de 2011, realizados em novembro, contra as seleções do Gabão e do Egito. Sua resposta foi definitiva: “Rapaz, e você acha que alguém perde tempo vendo jogo da seleção?”.

Estranhando o pouco valor dado a este que é considerado um símbolo nacional, passei a questionar os torcedores sobre a paixão pelo futebol e o prazer de torcerem pelo Brasil que supostamente teriam perdido. Quando indagados, respondiam que se eu quisesse ver paixão, que esperasse pelo Campeonato Brasileiro, ocasião ideal para se observar o fenômeno, quando as rivalidades entre os torcedores deixariam em evidência o sentimento que nutrem pelos seus times.

Definitivamente, a seleção brasileira já gozou de mais prestígio junto ao torcedor local.

4. O Time do Coração

“O amor aos clubes é a mola propulsora dos esportes coletivos, especialmente do futebol.”

(Damo, 2001).

Poucos meses após a Copa do Mundo, Carlinhos, irmão de Janelson, dono do bar de onde eu assistira ao Mundial, morreu assassinado. Fora vítima de uma rixa entre seu filho e um traficante local.

Carlinhos, como quase a metade da população do Varjão, era um imigrante nordestino, cuja presença da família cresceu com o Varjão. Antes dele, alguns parentes egressos de Mundo Novo já haviam ali se estabelecido, tentando uma vida nova, longe da enxada e da roça. Desde antes de sua chegada ao Varjão, em meados dos anos 80, até depois de sua morte, em 2010, o movimento migratório de sua família não cessou, sempre chegando mais gente.

São primos, irmãos, tios, cunhados, enteados e toda sorte de parente que, ano após ano, deixam o sertão baiano para tentar a sorte na Capital. “Só aqui nesta rua, deve haver mais de trinta moradores que vieram de Mundo Novo”, diz Bolinha, “mas deve ter mais de 100 pelo Varjão, com certeza”.

Bolinha (ou Everaldo) é primo em terceiro grau de Carlinhos e Janelson, e veio de Mundo Novo há exatos 10 anos, quando se instalou de favor na casa do cunhado, até conseguir alugar um “barraco” para ele e para a Iolanda, sua esposa. Na Bahia, ele trabalhava na roça; hoje, Bolinha e o cunhado são sócios e proprietários de uma pequena lanchonete que funciona no Setor Comercial Sul, no centro de Brasília.

Quando chegou, teve dificuldades para conseguir um emprego. A falta de qualificação o envergonhava, a falta de uma ocupação o angustiava e a violência local o inibia. Bolinha lembra que passou semanas sem falar com quase ninguém, senão com gente de sua própria família. Quase não saía de casa.

“Com toda a dificuldade que era pra conhecer gente daqui, minha primeira ponte [de comunicação] foi o futebol”, revela, afirmando que fez as primeiras amizades por conta das peladas que começou a jogar. Como estavam sempre juntos, Bolinha e seus parentes logo conquistaram uma identidade até certo ponto óbvia, mas mesmo assim, distinta: “os baianos”.

Não se tratava de uma mera referência ao local de nascimento do grupo, pois havia milhares de baianos no Varjão, mas sim de identificá-los praticamente como uma equipe, posto que atuassem sempre coletivamente: “Foi sempre assim, em todos os times em que jogamos”, completa, “e se um saía pra outro time, os outros também saíam juntos”.

A coesão demonstrada em campo fortalecia o grupo familiar inteiro, pois se difundia a lógica segundo a qual um membro da família representasse o todo, o que lhes garantia um pouco mais de segurança. Pelas palavras de Bolinha, apesar do Varjão ser destino de “toda sorte de baiano”, não é verdadeiro afirmar que a origem geográfica em comum lhes garantisse harmonia e simpatia recíproca, senão o contrário; havia rivalidade e preconceito: “Todo baiano de XXXXXX não presta!” – afirma, enfaticamente. “São gente tudo ruim. De lá e também de YYYYYYYYYY; vem pra cá e se metem sempre com coisa errada.”, completava, como se sua afirmação fosse um fenômeno irremediável, e se “esquecendo” que seu cunhado acabara de ganhar

liberdade condicional no presídio onde cumpria pena exatamente por tráfico de drogas (a tal “coisa errada” a qual se referiu Bolinha).

A rivalidade com os baianos de XXXX ou YYY, no entanto, é um caso menor se comparada à rivalidade que fustiga o cotidiano da “baianada” de Mundo Novo; esta, semeada dentro do próprio núcleo familiar: a rivalidade entre torcidas.

Um mosaico multicolorido

“Ser espectador de esporte é um mecanismo que desenvolve a consciência de união das pessoas. Paradoxalmente, o esporte contribui para a união ao enfatizar o conflito entre as partes (...). Torna-se a área para interesses conflitantes, ao mesmo tempo em que cultiva uma perspectiva partilhada como a base e para a ordem.”

(Lever, 1983)

Das múltiplas vertentes de expressão que o futebol oferece, dentre as mais populares, a torcida por um clube profissional é, sem dúvida, a mais enfática e passional.

Desse modo, difundiu-se ao longo do séc.XX a ideia de que teria sido esse sentimento em comum (de paixão pelo futebol), um dos fatores de fortalecimento da unidade nacional e de sensação de pertencimento à nação, pois “foi o futebol que, além de nos fazer acreditar na possibilidade de uma ordem moral baseada na igualdade, forneceu o alicerce para uma drástica rearticulação de nossas identidades sociais (...), em bases positivas, regadas a esperança e otimismo.” (DaMatta, 2006:144)

Não é minha intenção contestar essa corrente, senão ratificá-la; ainda que, por vezes, resvale minha argumentação naquilo que há de antagônico nessa paixão em comum. Refiro-me ao razoável número de clubes pelos quais se possa torcer, e da consequente disputa entre torcedores daí advinda, quando a passionalidade se revela pela rivalidade, ora saudável, ora exacerbada.

Seria natural imaginar que cada Região tivesse uma torcida própria, isto é, que os torcedores escolhessem seu **time de coração** dentro do próprio Estado – de preferência, dentro de sua cidade ou bairro, o que lhes permitiria um contato direto com a equipe em treinos, jogos ou no dia-a-dia¹⁸.

Entretanto, a preferência dos torcedores parece ter acompanhado a mesma geografia econômica que delinearía o crescimento e a industrialização do Brasil; até meados dos anos 1970, um país eminentemente agrário, onde se destacavam São Paulo, por sua força econômica, e o Rio de Janeiro, capital do país até 1960. As regiões que mais rápido se desenvolveram tornaram-se também aquelas que, atualmente, concentram os times brasileiros de maior torcida, formando as chamadas “grandes praças¹⁹”; sendo a principal delas, o duo Rio-São Paulo (que concentram as cinco maiores torcidas do Brasil: Flamengo, Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Vasco da Gama).

¹⁸ *Apesar de ter sido assim em sua origem, em fins do séc. XIX, quando os times começaram a surgir em fábricas e pequenos bairros, trata-se de um quadro que não reflete mais a realidade do torcedor brasileiro, cuja preferência, de modo geral, a partir do advento da televisão, no final dos anos 50, passou a recair sobre os times do eixo Rio/São Paulo – sede das principais emissoras brasileiras (Tupi, Bandeirantes, Record, Globo, etc).*

¹⁹ *Como são chamadas, no jargão jornalístico-esportivo, as localidades que, por tradição, mantêm grandes times e grandes torcidas.*

Em contrapartida, os locais tardiamente alavancados pelo processo desenvolvimentista brasileiro iniciado nos anos 50, com o Presidente Juscelino Kubitschek, tornaram-se praças “periféricas”, produzindo grande massa de torcedores cujos times de coração pertencem a outra praça. Brasília, um ótimo exemplo para esse caso, até hoje não encontra times com representatividade no cenário nacional, e o que se constata é que todo aquele que para cá migrou, com o intuito de construí-la ou habitá-la, trouxe consigo a paixão pelo time pelo qual torcia em sua cidade-natal. Paixão esta, naturalmente passada de geração para geração.

Nos anos 70, times do Distrito Federal, como o Brasília e o CEUB, chegaram a disputar o Campeonato Brasileiro, mas sempre como meros coadjuvantes. Assim como foram Sobradinho (nos anos 80), o Gama (no final dos anos 90) e, mais recentemente, o Brasiliense, equipe que teve uma ascensão meteórica desde o início dos anos 2000, mas que atualmente se encontra na 3ª divisão do futebol nacional. Nenhum dos clubes da capital ou do entorno, no entanto, ainda foi capaz de seduzir o torcedor local, senão por ocasião de efêmeros modismos.

Esse quadro apenas reforça a percepção de que a torcida no DF é sempre para times de fora. No Varjão, a situação é idêntica. Na família de Bolinha, *idem*. Curiosamente, dentro do núcleo familiar principal – aquele que mantém relações cotidianamente, trabalham e/ou jogam e assistem aos jogos juntos – não há unanimidade em relação aos times pelos quais torcem ou pelos quais se apaixonaram.

“Paixão” seria uma boa expressão a ser empregada, uma vez que as referências ao time de coração são rotineiras, explícitas, desmedidas e irracionais.

O bar do Janelson, por exemplo, tem suas paredes inteiramente pintadas de verde, além de uma bandeira e inúmeros pôsteres antigos e desbotados que denunciam sua devoção ao Palmeiras-SP. Já Farinha Azeda (ou Paulo Sérgio), flamenguista fanático e irmão de Bolinha, herdou seu bar de um parente que havia pintado na parede um enorme escudo do time do Vitória-BA: “O mais importante é que é vermelho e preto”, diz ele, que assim justifica o fato de não ter apagado o símbolo da equipe baiana. Além de reforçar a identidade do dono do bar, uma parede pintada com as cores do time também tem a ótima serventia de atrair simpatizantes, e assim, estabelecer novas redes de contato.

Os muros, no entanto, são apenas uma das variadas maneiras de se homenagear o clube querido. Percé (ou Heliobaldo), outro membro da família, ostenta o escudo do Flamengo tatuado em seu braço, mesmo praticamente não tirando do corpo a camisa do Paysandu-PA. Já Bolinha, dificilmente é visto sem sua camisa do São Paulo-SP. Assim como Janelson em relação ao Palmeiras, ou Bode (Fábio) em relação ao Vasco da Gama-RJ. Seu irmão, Terreb (ou Ronaldo) adora o Grêmio-RS desde que se entende por gente: “Sempre gostei das cores...!”, revela. Terreb e Bode são filhos de Seu Tinho, que torce alucinadamente para o Corinthians-SP, assim como Peludinho (Danilo).

Diferentemente do que tem ocorrido em relação à Seleção Brasileira – praticamente ignorada pela torcida local – é fácil perceber a importância que o morador do Varjão dá ao seu time de coração. Por todos os lados, homens e mulheres reafirmam seu amor trajando a camisa de seu time preferido²⁰ – alguns o fazem quase que cotidianamente,

²⁰ *O mais comum é se valer de réplicas das camisas oficiais que, normalmente, são muito mais caras, podendo atingir um valor até cinco vezes maior que o de uma imitação. Enquanto uma camisa oficial do Flamengo era encontrada ao preço de R\$189,00 à época do lançamento (1º semestre de 2011), uma cópia era encontrada a*

independentemente da realização de partidas ou não. Há casos de um ou outro morador que eu nunca tenha visto sem a camisa do seu time de coração, o que nos dá a dimensão da identidade que lhe é conquistada por tal demonstração de apego.

“... mas também sou Bahia!”

*“Existe toda uma mobilização de afetos, emoções e atitudes que corresponde a expectativas criadas pela repetição contínua do próprio evento futebolístico, o que se acentua se o **time de coração** está jogando.”*

(Souza, 1996)

Apesar das diferentes escolhas - muitas das quais sem lógica aparente (como a do gremista Terreb) -, existe uma peculiaridade que é comum a quase todos dessa família: ter o Bahia como “segundo time”. Seu Tinho explica assim: “Meu time de coração, aquele por que eu sofro, é o Corinthians, mas eu quero que o Bahia sempre ganhe; eu sou corintiano de coração, mas torço pelo Bahia”. E assim como ele, quase todos mantêm uma espécie de fidelidade vitalícia ao time do Bahia (e em menor escala, ao Vitória), provavelmente, por conta dos vínculos de natureza geográfica.

Quando pressionados a escolher apenas uma equipe, sentem-se mal em renegar o Bahia, expressando a própria reprovação com uma careta que soa como um pedido de cumplicidade ao interlocutor, desobrigando-o de uma resposta objetiva.

R\$39,00 no comércio local. As crianças menores herdam a indumentária dos irmãos mais velhos. Por esta razão, suas camisas são sempre mais surradas em relação às dos adultos.

Paradoxalmente, aqueles que torcem pelo Bahia (e somente pelo Bahia) parecem sofrer certa discriminação dos próprios baianos, como se torcer por um time de uma praça menor (como é o caso de Salvador) simbolizasse, de alguma forma, a ligação a algo anterior e indesejado, qual seja, a situação de miséria em que se encontravam em Mundo Novo. Vincular a paixão a um time de uma grande praça, como Rio ou São Paulo, mostra-se, deliberadamente ou não, uma forma de reafirmação da nova condição de vida. Não querem ser vistos como “matutos da roça”, mas como integrantes de uma sociedade moderna e globalizada.



8 Bolinha é são-paulino, Nequinho, vascaíno, mas ambos são Bahia

O único a se assumir como torcedor do Bahia – e somente do Bahia – é Vanderley (que não gosta do nome, preferindo “Cazuza”): é o único a ostentar a camisa do “Tricolor de Aço” toda vez que este joga. E também um dos mais animados com a vitória de seu time, estando sempre a acompanhar seus jogos pelo rádio.

No entanto, seus parentes o acusam de “picaretagem”. Diz Bolinha, seu irmão: “Cazuza nem sabia que o Bahia existia, e agora (depois que se mudou para o Varjão), fica inventando essa de torcedor só pra encher o saco dos outros e chamar atenção. Cazuza é picareta!”.



9 Cazuza vibra com um gol do Bahia no Bar de Farinha Azeda

Talvez seja, mas não deixa de ser relevante que, longe de sua terra, o antes indiferente Cazuza tenha sentido a necessidade de se revelar um torcedor fanático a fim de se equiparar a seus parentes, adquirindo, como os demais, uma identidade mais definida – note-se que é o único dos baianos a dizer “sou Bahia; e só Bahia!”. A escolha do Bahia como seu time de coração seria, portanto, uma oportunidade de afirmação pessoal dentro do contexto social em que ora se encontra, no qual a importância do futebol é clara. A escolha pelo Bahia se mostra, de quebra, um canal de comunicação e uma forma de homenagear sua gente que ficou em Mundo Novo, o que fica explícito pelos telefonemas feitos aos irmãos remanescentes ainda durante as transmissões, normalmente logo após um gol do seu time.

A coexistência entre tantas paixões, apesar de esporadicamente se tornar conflituosa, é geralmente pacífica, servindo para o fortalecimento da identidade familiar.

Um Palmeirense Radical – um caso à parte

O único membro dissonante é Janelson, um palmeirense radical que, assim como Farinha Azeda e Carlinhos (quando vivo) mantem um bar em sua garagem.

Janelson, de 35 anos, é casado com Adriana e é primo em terceiro grau de Danilo, Bolinha, Cazuza e Farinha Azeda. Atualmente, todos disputam o campeonato amador do Varjão pelo mesmo time (o **Racing**), além de amistosos e peladas, sempre juntos. Foi um dos que chegou há mais tempo (1994) de Mundo Novo, logo após a vinda de seus irmãos Carlinhos (que, recentemente, seria assassinado) e Orlando²¹, que é cozinheiro e mora em São Sebastião. Foi de seu bar que acompanhei toda a Copa do Mundo de 2010, e onde permaneci durante os primeiros 12 meses de pesquisa, após os quais, “migrei” para o bar de Farinha Azeda, a fim de acompanhar o Campeonato Brasileiro de Futebol. Ainda assim, voltei esporadicamente ao bar do Janelson.

De poucas palavras (principalmente quando o Palmeiras atravessa um mau momento ou perde um jogo), de gestos por vezes ríspidos ou rudes, seja com familiares ou fregueses de seu boteco, Janelson é um homem de gênio difícil. Os familiares atestam que ele sempre foi assim “complicado”.

²¹ *Estive em sua casa, a convite de Janelson, por ocasião de seu aniversário. Assim o apresentaram a mim: “O nome dele é Orlando, de apelido Lando, mas que todo mundo só chama de Marcelinho”. Descobri que era pelo fato de acharem-no muito semelhante, fisicamente, ao ex-jogador Marcelinho Carioca, destaque nacional nos anos 90.*

Em Mundo Novo, era conhecido por “Café”, mas no Varjão, isso mudou. Enquanto quase todos os membros da família mantiveram (inclusive em público) o apelido que lhes fosse comum na infância, Janelson deixou de ser Café quando resolveu vir para Brasília. “Quando chegamos aqui, em 2001, ele disse que o nome dele agora era Janelson; então só o chamamos de Janelson”, explica Bolinha, que diz não saber o real motivo da exigência.

Pelo que observei, seus modos autoritários e sua vaidade pessoal não seriam compatíveis com a alcunha de Café, principalmente sendo alguém que chegava a uma terra desconhecida, em busca de trabalho, reconhecimento e respeito. Tendo migrado antes que a maioria de seus parentes, Janelson adotou o nome verdadeiro, o que poderia, circunstancialmente, transmitir mais respeitabilidade.

Em seu bar, Janelson normalmente não é de muita conversa, mas gosta de dar ordens aos frequentadores – que não são muitos. Além de alguns familiares que o visitam com certa frequência, seu público é formado basicamente por palmeirenses (em dias de jogo) e por um pequeno grupo de amigos mais próximos que passa horas apostando quantias normalmente muito baixas²² em jogos de sinuca, dominó e, principalmente, cartas (caixeta).

Sua postura autoritária inibe a presença de bêbados ou de desconhecidos que não se adaptem ao seu esquema, o que dá ao bar uma reputação familiar, mas também castradora.

²² É comum passarem toda uma tarde e início da noite disputando inúmeras séries de R\$5,00, totalizando, ao final da disputa, entre perdas e ganhos, lucros de R\$15,00 ou R\$20,00.

Janelson se dá ao direito, por exemplo, de proibir que o frequentador fume dentro do estabelecimento, mesmo sendo este um recinto aberto (sem cobertura), e o hábito de fumar, bem difundido entre a população. Quando algum desavisado acende um cigarro, é imediatamente repreendido e impelido a apagá-lo diante da veemente reclamação do proprietário. Trata-se de uma situação que ocorre com alguma frequência, ficando evidente o descontentamento daquele que foi constrangido. Um familiar me revelou que, desde que foi uma das vítimas dessa “agressão”, decidiu não voltar mais: “Onde já se viu o sujeito bater no meu cigarro, jogando no chão? Eu não sou criança, não!”.

O mau rendimento do Palmeiras durante todo o ano de 2011 deixou Janelson constantemente mal humorado. Assim que percebia que o time estava na iminência de nova derrocada, fingia-se desinteressado, dissimulando indiferença, como se, de uma hora para outra, o futebol não lhe fosse mais relevante. Quando incitado a falar sobre a derrota, quase nunca dava alguma resposta, e quando as dava, eram sempre respostas "rasas", relegando a "culpa" a um ou outro personagem; ora o técnico, ora algum atleta.

Os torcedores, de modo geral, costumam justificar as eventuais derrotas de seus times com respostas pouco aprofundadas e simplórias, ou até mesmo fantasiosas: "Ah, é por que fulano não jogou!", ou então porque "o time não joga bem no próprio estádio". Ou então, “ah, porque esse não é mesmo o nosso ano!”.

Percebe-se que o resultado dos jogos é muito mais importante para esses torcedores do que qualquer outra coisa. Aparentemente, embasam suas respostas na passionalidade que ostentam, mas não julgam importante se informar sobre o cotidiano de suas equipes; provavelmente, por não dedicarem qualquer tempo à leitura de jornais ou mesmo ao noticiário televisivo, posto que a árdua labuta diária não lhes permita fazê-

lo.

Notei que, além de mal informados sobre o cotidiano dos clubes pelos quais torcem, os torcedores com os quais mantive contato demonstram ainda menos intimidade com a história de seus respectivos times. Lembram-se apenas de um ou outro fato mais marcante – normalmente, os mais recentes -, e mesmo assim, de modo impreciso, sem saber o ano, o autor do(s) gol(s) porventura marcado(s) ou mesmo a competição em disputa.

Isso me leva a crer que, apesar de já estarem no Varjão há muitos anos – em alguns casos, há décadas -, a família, em geral, não se desincompatibilizou com a forma que levavam a vida em Mundo Novo, quando o trabalho na roça os impedia, quase que totalmente, de acompanhar o dia-dia de seus times. O que lhes restava, portanto, era, numa ocasião ou outra, assistir a uma partida pela TV, cuja maior importância não era o campeonato porventura em jogo, mas o resultado pontual do embate em si.

O mais comum é que se lembrem apenas do adversário em questão e da eventual vitória de sua equipe - como já mencionei, o mais importante é o resultado, pois só assim podem se gabar e provocar os torcedores rivais, fazendo troça. Mesmo que esteja em discussão uma determinada final de Campeonato Brasileiro, por exemplo, é plausível que se fale algo assim, como o que falou Seu Tinho: "Naquela vez, o Palmeiras tomou uma piaba do Corinthians; foi de três a zero pra deixar de ser besta! É assim todo jogo!" -, colocando, por exemplo, uma grande final de campeonato na categoria "todo jogo", para assim, naturalizar a vitória de seu time sobre um rival histórico.

Apesar de palmeirense, Janelson não proíbe a frequência de torcedores rivais em seu

estabelecimento. Corintianos e são-paulinos estão sempre presentes, balbuciando vantagens sem sofrer qualquer reprimenda por enaltecerem as conquistas de suas equipes, pois a troça entre torcedores é o que mais os une. Aliás, contanto que sejam fregueses conhecidos de Janelson, podem falar tranquilos, sem o receio de serem admoestados ou repreendidos, mesmo que façam alguma chacota com o Palmeiras. Já se falassem de outros assuntos, sobre os quais a opinião de Janelson fosse contrária (sobre drogas, por exemplo), é bem provável que fossem censurados por ele. Janelson procura ter total controle sobre o que acontece no bar, mesmo quando aparenta não estar atento.

Em algumas situações, principalmente quando está jogando baralho, ele chega a constranger o freguês que porventura lhe dirija a palavra, deixando-o sem reposta por vários segundos; por vezes, minutos. Enquanto disputa uma aposta de baralho ou dominó, Janelson fica extremamente concentrado no jogo e não suporta ser interrompido; parece esquecer-se que é o dono do bar – mesmo assim, percebe-se que está a par de tudo o que se passa à sua volta; apenas finge não ver.



10 Ao fundo, freguês aguarda a boa vontade de Janelson - de camisa verde

Uma de suas maiores características (ou ferramentas de controle) é a de só dar atenção a quem quer e quando ele quer. O mais comum é falar com ele e não obter uma satisfação imediata.

Age quase policialmente, principalmente quando está mal-humorado. Além de repreender quem fume, corrige de modo normalmente rude aquele que se inclina nas cadeiras de plásticos ou quem as encoste, inadvertidamente, na parede: "Sou eu quem fica no prejuízo", justifica-se, dando "sermões" em seus fregueses, nalgumas vezes, expondo-os ao ridículo.

Apesar do Futebol, o isolamento...

Ainda que à ocasião das partidas, Janelson ofereça ao torcedor/freguês uma TV moderna, de plasma, de tela grande, percebi, conforme já mencionei, que a frequência nunca era muito grande. Há explicações razoáveis para o baixo número de torcedores presentes (como a possibilidade de uma determinada partida estar sendo transmitida em TV aberta), mas há também outro fator – talvez, preponderante: justamente sua reputação como dono: "O problema de Janelson é que ele não sabe atender as pessoas. Ele atende mal. É grosso!", revela um frequentador eventual.



11 Janelson e sua fiel companheira, a cadela Pretinha

Adicione a isso o fato do local possuir uma estrutura precária e raramente oferecer algum petisco ao freguês, culminando com um atendimento péssimo, feito por um dono controlador e corriqueiramente mal humorado; não é difícil concluir o porquê de o bar estar quase sempre às moscas. Só mesmo a TV por assinatura para atrair incautos ao estabelecimento.

Foi a partir dessa constatação que passei a tentar saber por que o bar no qual eu estava, efetivamente, não era o local para onde convergiam as pessoas - ao menos a maioria delas. Muitos dos que iam ao bar, rapidamente saíam com destino a outro bar. Passei a identificar que a maioria dos frequentadores era, de fato, formada por familiares e por amigos próximos, alguns dos quais, palmeirenses. Quanto aos demais, normalmente apareciam poucas vezes, talvez apenas uma - o suficiente para se dar conta da má qualidade do serviço e migrarem para outro bar.

A postura de Janelson é tão vigilante, que o torcedor que frequenta seu bar torce em silêncio. Um dos aspectos que mais me chamou a atenção foi a falta de sintonia

reinante entre os torcedores durante a maior parte das partidas que assisti dali – inclusive às da seleção brasileira.

Mesmo quando o jogo era do Palmeiras - ocasião em que se fazia presente um público razoável (podendo atingir até 30 pessoas em jogos de maior importância ou rivalidade), eu notava que os torcedores não se comunicavam muito entre si – não havia intimidade entre eles. Os comentários sobre a partida não eram ouvidos, ou muito pouco. Pior: mesmo quando ocorriam gols, não havia, salvo exceções, uma celebração efusiva por parte dos presentes. Normalmente, só quem se encontrava mais embriagado celebrava com mais alegria; os demais celebravam pra dentro, com um resmungo, falando coisas ininteligíveis para si mesmos. Aliás, em matéria de emoção, muitas partidas de dominó e baralho eram muito mais celebradas que um gol.

E não é tudo. Outra característica que denotava a total falta de sintonia e intimidade entre os torcedores dali pode ser ilustrada pela evasão imediata destes, tão logo a partida se encerrasse. Bastava o juiz apitar o final do jogo para que o bar rapidamente se esvaziasse. Já vi duas ou três dezenas de torcedores desaparecerem em segundos, demonstrando a falta de interesse dos mesmos em permanecer no estabelecimento de Janelson por qualquer outra razão.

Os poucos que normalmente ali permaneciam, logo se voltavam para outra atividade, como o baralho ou a sinuca, o que, aliado à música sempre alta que Janelson costumava colocar, produzia a sensação de que o jogo fora uma exceção naquele espaço-tempo. Era pouco comum escutar qualquer comentário sobre as partidas, principalmente se o Palmeiras perdesse. Era como se não tivesse acontecido – exatamente como nos jogos da seleção brasileira.

Nem mesmo Bolinha, Farinha Azeda e Cazuza mantinham qualquer assiduidade,

aparecendo somente de vez em quando, e quase sempre por pouco tempo. Em muitas ocasiões, sequer apareciam, mesmo a jogos importantes. Posteriormente fui informado de que assistiam aos jogos no bar de Farinha Azeda.

Foi então que constatei que, apesar de gostar de futebol, de ser um torcedor fanático, de participar de peladas e de disputar o torneio da liga local, Janelson não disfrutava da simpatia daqueles que buscam a socialização por meio do futebol.

E ainda que suportassem o gênio difícil do parente “complicado”, o que mais parecia incomodar os fregueses era a intransigência do anfitrião. Não era incomum que Janelson, ainda que tivesse acesso à TV a cabo, privasse seus fregueses (inclusive familiares) de assistirem a um determinado jogo, por puro capricho. “Quando ele está de mau humor, não tem conversa; Janelson foi sempre assim, desde sempre.”

Outra realidade

No fim do mês de agosto, numa noite de meio de semana, após mais uma partida de pouco público no bar do Janelson, fui convidado por Bolinha para "tomar mais uma cerveja", antes de encerrar a noite. Essa aceitação daria novo rumo à pesquisa, me permitindo descobrir o que Janelson, até então, não me apresentara.

Sáímos da Rua 5, onde está localizado o bar de Janelson, e fomos até a Rua 3, duas quadras ao lado. Entramos em uma garagem em cujo interior se revelava uma bancada, tal qual a que Janelson construiu em sua garagem. Salvo o reduzido tamanho, o uso do espaço é idêntico, com um comércio improvisado, integrado à residência.

Nesse bar encontrei velhos conhecidos. Estavam lá Seu Tinho, Cazuza, Peludinho, além

do próprio Bolinha. E logo as diferenças entre um ambiente e outro ficaram patentes. Agora, ao contrário de antes, me dispensaram um tratamento caloroso e afetuoso; fui tratado como visita, com direito a uma rabada, trazida por Bolinha de sua lanchonete (a Big Lanches, no Setor Comercial Sul de Brasília). Em clima de muita amistosidade, passei algumas horas conversando com todos, enquanto bebíamos e comíamos, como velhos amigos. A conversa invadiu a madrugada, o que nunca ocorrera durante todo o ano que estive junto a Janelson. Estava claro que não quiseram falar mal de ninguém, mas fizeram questão de deixar claro que ali era diferente: “Aqui, você pode ficar à vontade!”, resumiu Bolinha.

De fato, os ambientes eram completamente antagônicos. No bar de Farinha Azeda, além da postura muito humilde do anfitrião, via-se que os frequentadores se sentiam todos à vontade, revelando o que de mais saudável há nas relações advindas da paixão pelo futebol.



12 Ambiente multicolorido no bar de Farinha Azeda

Ali se torcia à vontade, para qualquer equipe, e se conversava muito sobre as partidas, principalmente quando estas terminavam, posto que não ocorresse a debandada vista reiteradamente no bar de Janelson. O volume da TV nunca era superior ao do alarido provocado pelo público (sempre superior ao encontrado no outro bar), e as conversações durante as partidas eram frequentes, com provocações incessantes entre os presentes.

Ao contrário de Janelson, que ainda não tem filhos, Farinha Azeda tem oito. Isso certamente contribui para que a atmosfera de seu bar seja efetivamente mais familiar, mesmo não sendo um ambiente aconchegante. Além das poucas mesas (três), algumas cadeiras de plástico e engradados como suporte para a velha TV compõem o cenário. Apesar dos pedidos, Farinha Azeda está determinado a não instalar ali uma mesa de bilhar: “Jogo atrai violência”, garante.

Além da atmosfera mais leve e de crianças que vem e vão, o bar oferece pastéis fritos na hora, de carne e de queijo. E sempre algum petisco improvisado, servido gratuitamente em dia de visitas²³.

Há muitos familiares e amigos frequentando o bar; pessoas que eu raramente via no bar de Janelson, são sempre vistas no bar de Farinha Azeda. Um desses frequentadores assim expressou sua percepção sobre minha presença no novo bar: “Não sei como um cara tão legal como você passou tanto tempo indo no Janelson! Ninguém aguenta aquele homem – é gente boa, mas é muito chato!”.

²³ Eventualmente, Peludinho (que está solteiro) convida algumas amigas para assistirem a um jogo de futebol, e quando isso ocorre, ele sempre lhes oferece um petisco (p.ex., linguiça frita com cebola) como forma de agrado (e todos comem).

Mesmo tendo uma estrutura infinitamente inferior a de boa parte dos bares da comunidade (e não somente ao de Janelson), o bar de Farinha Azeda era querido por todos de sua rua e redondezas.

Alguns jogadores do **Racing** – equipe local pelo qual cinco dos “baianos” disputam o torneio, em 2011 - frequentavam seu bar. Até mesmo Negão, o técnico do time, e vários outros conhecidos, familiares e agregados que lá iam; sempre tratados com cordialidade e até mesmo afetuosidade por Cazuzu, Bolinha, Seu Tinho, Farinha Azeda e, principalmente, por Peludinho (Danilo), o mais terno entre eles.

É imperativo que se provoquem entre si, mesmo quando não há jogos passando na TV. As gozações são, geralmente, aceitas com bom humor pelos envolvidos, mas, mesmo num ambiente equilibrado e respeitoso, há casos em que as brincadeiras acabaram em discussão.

Como em certa oportunidade, ainda no bar de Janelson, em que Bode passou a fazer chacota com o time do Palmeiras durante uma partida em que seu time (o Vasco) desclassificou o oponente da competição que disputavam (a Taça Sul-americana).

À ocasião, alguns palmeirenses presentes não gostaram da provocação, criando automaticamente uma atmosfera desafiadora e belicosa. Eram torcedores de ocasião e que não frequentavam o local. Por sorte, o jogo logo terminou e os torcedores "intrusos" foram embora, fazendo com que o temeroso Bode respirasse com algum alívio, ainda que arrotasse confiança: "Esses caras nunca vêm aqui e querem (me) proibir de falar o que eu quero; falo mesmo! Tão pensando que estão em casa?!".

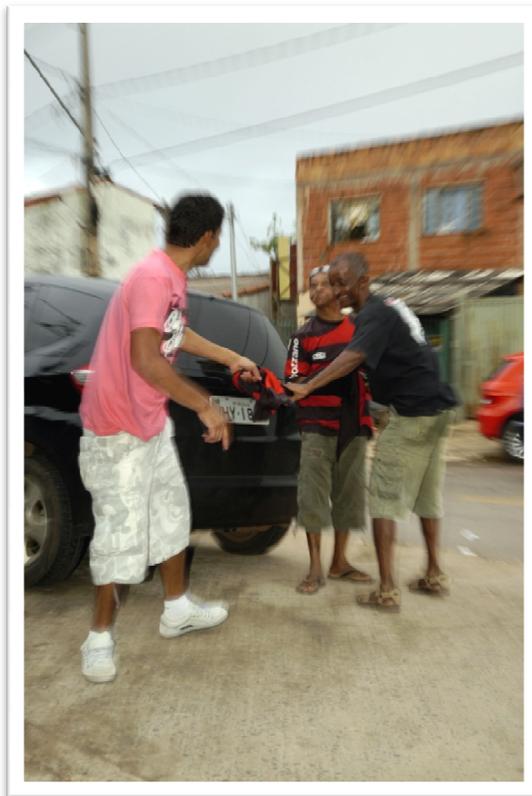
O curioso é que o próprio Bode, apesar de se dizer vascaíno convicto, está quase sempre desinformado sobre o cotidiano de seu time, e raramente assiste a alguma partida no bar,

preferindo assistir de casa e esperar pelo resultado. O que importa, segundo revela, é gozar dos outros. É comum vê-lo de costas para a TV, mesmo quando o Vasco está em campo.

Noutras duas ocasiões, e sempre por razões aparentemente infantis, acompanhei um desentendimento entre os próprios membros da família. Na primeira, quando Cazuzza não aceitou que Seu Tinho falasse mal do Bahia. Ambos estavam embriagados e houve intenso bate-boca entre eles, sem, no entanto, que descambassem para a violência física. Aos berros, Cazuzza apostava que o Bahia ganharia os próximos jogos, colocando a própria palavra em jogo, como se o resultado dependesse dele e de seu empenho. E mesmo que Seu Tinho falasse do time do Bahia, Cazuzza reagia como se fosse ele a vítima do impropério, ficando perto do descontrole.

“O domínio dos códigos futebolísticos garante o acesso a certas discussões que ocorrem em momentos de sociabilidade intensa” (Damo, 2001).

Na segunda, em meio às comemorações pela conquista do Campeonato Brasileiro pelo seu time (o Corinthians), Peludinho, completamente embriagado, viu Percé invadir o recinto envolto em uma bandeira do Flamengo. A aparente provocação o fez interpelar o tio com agressividade, arrancando-lhe a enorme bandeira das mãos. Houve empurra-empurra e a turma do “deixa disso” teve de intervir, acalmando os rivais. Em poucos minutos, Peludinho já estava abraçado ao tio, declarando seus sentimentos de carinho ao pé do ouvido.



13 Num raro momento de tensão, Peludinho tenta arrancar a bandeira das mãos de Percé

“A casa e a rua”

O bar que Farinha Azeda comanda, funciona, literalmente, em sua garagem. À noite, após o expediente, Farinha limpa a área e estaciona o carro que, se dormir ao relento, pode ser roubado. Mas enquanto ainda é bar, a garagem ocupa um espaço; a casa, outro.

Mulheres e crianças, geralmente, ficam dentro de casa; no máximo, na cozinha do bar (que também fica na parte de dentro da casa), fritando pastel ou ajudando Farinha Azeda com o atendimento.

Durante as partidas, as crianças às vezes recebem autorização para circularem pela área do bar, quando costumam fazer do local um verdadeiro playground, num corre-corre sem

fim. Mas isso é a exceção. Em geral, tão logo um dos pequenos ameace colocar os pés na “área proibida”, ouve-se a repreensão enfática de Farinha Azeda: “Pra dentro, já! Bar não é lugar de menino!”.

A paciência dos pais com os filhos parece ser sempre bem curta, com estes sendo submetidos a broncas ríspidas. Castigos físicos não foram vistos, mas pelas ameaças e pelo modo severo com que vejo os pais tratarem seus filhos em momentos de ira, não é difícil imaginar que as crianças apanhem dentro de casa. Entretanto, a despeito desses instantes, a relação dos pais com as crianças é geralmente permeada por gestos amorosos.

Excluindo-se Janelson (que não tem filhos), os demais homens da família assumiram a paternidade. A exceção é Cazuzza, quem engravidou uma “namoradinha” e preferiu sugerir à moça que fosse ter a criança no Piauí, junto à família dela: “era a opção mais segura!”, garantiu. A partir de então, revelou à menina, pelo telefone, que o melhor era que ela ficasse de vez por lá, pois ele não tinha condições financeiras de sustentar um filho. De fato, dentre todos do núcleo familiar, Cazuzza é quem apresenta mais instabilidade profissional; está sempre à procura de um novo emprego.

Há também casos em que os pais se encontram separados, mas mantêm o vínculo e a relação com as ex-mulheres, como é o caso de Peludinho e de Bode, que pagam pensões às filhas que tiveram com suas antigas companheiras.

Corinthians, Campeão Brasileiro!

O dia 4 de dezembro, data da última rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol, foi uma exceção, pois reuniu toda a família em frente à TV para assistir a duas das partidas mais importantes, não somente para o campeonato, mas por serem disputadas pelos quatro

times mais populares no Varjão: Corinthians, Palmeiras, Vasco e Flamengo. Além das esposas, havia muitos parentes que não frequentavam o bar, mas que neste dia estavam presentes. Era como um churrasco de Domingo, com todo mundo reunido (mas sem carne para comer).

Mulheres ocupavam lugar de destaque, sentadas nas poucas cadeiras que havia, a poucos metros dos dois televisores. Enquanto isso, a maioria dos homens – justamente aqueles que estavam acostumados aos melhores postos – permaneceu mais atrás, de pé, enfileirados e amontoados, quase do lado de fora.



14 Corinthians, Campeão Brasileiro de 2011

A conquista corintiana foi comemorada não somente pelos corintianos, mas por todos que estavam no bar de Farinha Azeda. Negão, técnico do **Racing** que lá se encontrava, estacionou seu carro rente à entrada da garagem e entreteve os presentes, por mais de duas horas após a partida, com música altíssima, saída dos potentes alto-falantes. Fora a pequena desavença já relatada entre Peludinho e Percé (logo resolvida), o clima foi de

total harmonia e celebração entre os torcedores presentes.

E como num desfecho de folhetim, questões que perduravam a se resolver, parecem ter encontrado um desenlace em meio aos lances que decidiam o campeonato. À mesma hora em que se iniciava o 2º tempo das partidas (que ocorriam ao mesmo tempo, num total de 10 jogos), Bolinha me chamou, em reservado, para relatar o reatamento de seu casamento com Iolanda e seu agradecimento pelos meus conselhos, dados três dias antes²⁴.



15 No dia da final do campeonato brasileiro, Bolinha e Iolanda se reconciliam

Outro fato digno de nota foi a presença inusitada de Janelson no bar de Farinha Azeda – algo inédito. Mas ele não estava ali por desejo, e sim porque Adriana, sua esposa, para lá se encaminhara, minutos antes, com lágrimas nos olhos, e bebendo muito. Pela reação das

²⁴ Bolinha estava fora de casa havia quase seis meses, e não sabia como reconquistar a confiança de Iolanda, mãe de sua filha (Mabellis), a quem afirmava amar. Acompanhei seu drama durante o tempo que este perdurou, e justo ao fim do campeonato, Bolinha me contava, deveras emocionado, o gol de placa que marcara em casa ao reatar o relacionamento que mantém desde os 18 anos. Atualmente, Bolinha tem 38.

familiares que a confortaram, estava claro que ela fora traída.

A traição é, majoritariamente, a razão pelas separações entre os membros desta família. Durante o tempo que estive em campo (entre junho de 2010 e dezembro de 2011), quase todos os membros da família citados neste trabalho²⁵ se envolveram em casos extraconjugais que resultaram na separação do casal. Em alguns casos (como o de Bolinha), houve reaproximação, em outros (como o de Peludinho), a separação foi definitiva. Fora o futebol, toda a atenção deles é voltada para o universo feminino.

Ao contrário do futebol, no entanto, a reafirmação deste universo se dá dentro de um espaço restrito, ou seja, somente entre aqueles que pertencem a um círculo social muito pequeno, dignos de total confiança entre si, visto que, no Varjão, tudo o que “acontece aqui se escuta ali”. O número até certo ponto reduzido de habitantes contribui para que uma atmosfera provinciana tome conta da comunidade, fazendo com que o fluxo de informações seja contínuo entre os que ali residem. “Um dia eu beijei uma mulher na Rua #3 e na #10 disseram que eu já estava me casando”, diz um amigo da família, Neguinho, exagerando na conta para demonstrar o quanto o povo seria, em sua opinião, fôfoqueiro.

Apesar da importância desse tema – o universo feminino – na vida dos baianos, não creio que seja pertinente esmiuçá-lo, a ponto de confundir o propósito da pesquisa. São, aliás, parte de hábitos cultivados ainda em Mundo Novo, e que não tem, portanto, relação direta com a instrumentalização do futebol como integrador social.

O único, aliás, digno de menção nesse quesito, é Edicarlos, filho de Percé, quem se utiliza da “fama” conquistada nos campos de futebol para conquistar mulheres, assunto do qual tratarei no próximo capítulo, onde relatarei o envolvimento dos baianos com a liga local

²⁵ *Peludinho, Cazuza, Bode, Janelson, Seu Tinho e, por fim, Bolinha.*

de futebol, pela qual disputam o campeonato amador local, anualmente.

A diferença é fundamental para a união deles, pois não se trata somente de futebol, mas da alegria que o esporte cultiva, seja por meio da vitória conquistada ou pela possibilidade de passar alguns dias em “estado de graça” tirando sarro com a cara dos adversários, como fazem brilhantemente Bode e Cazuzu. O “monocromatismo cultural” presente no bar de Janelson é um ótimo contraponto à “diversidade étnica” encontrada no bar de Farinha Azeda. Enquanto neste, as relações se entrelaçam naturalmente, envolvendo diversos quereres e sentimentos num caldo de constante fluidez, naquele, o ar parece parado, ao sabor dos desejos de um único homem (Janelson) e de um único tempero (o time do Palmeiras), resultando numa dinâmica insípida e desagregadora.



16 Farinha Azeda (de pé) e familiares em clima de confraternização

Por um exemplo ainda que negativo, Janelson demonstra como o futebol é, em seu caso, algo que não o deixa em total isolamento, visto que, ainda que por todos criticado, existe, em seu cotidiano, um fluxo de pessoas que com ele interagem.

5. O jogo “puro e simples”

A despeito da frustração coletiva decorrente da pífia atuação da Seleção Brasileira em duas Copas seguidas, ou da acirrada rivalidade entre os próprios “baianos”, resultante da *performance* de seus clubes de coração durante o Campeonato Brasileiro, observei, ao longo do tempo em que permaneci em campo, a existência de uma terceira faceta do futebol como potencial instrumento de socialização.

O jogo de bola, num pedaço de chão, numa quadra desgastada ou no “campão” de terra batida (depois, de grama sintética), ou seja, a prática do esporte, em si, no Varjão, se apresenta com uma boa oportunidade de se integrar à dinâmica local.

Nas partidas informais, as chamadas “peladas”, há predominância de grupos que são, em maior parte, fechados, i.e., que envolvem familiares ou amigos entre si; pessoas que mantem contato prévio e que terminam por “combinar” a realização de um jogo – invariavelmente, envolvendo apostas valendo dinheiro ou cerveja²⁶.

Entretanto, as peladas também podem ser motivadas pela simples rivalidade entre determinados grupos e, assim como verificou o antropólogo Clifford Geertz, sobre a briga de galos em Bali²⁷, os envolvidos ficam absorvidos pelo desafio não é porque uma eventual vitória lhes ofereça uma perspectiva de ganho, mas porque (o triunfo) lhes permite “humilhar alegoricamente” uns aos outros: - “Às vezes, é até melhor que não

²⁶ *As apostas são comuns em partidas envolvendo adolescentes e adultos, mas não entre as crianças.*

²⁷ GEERTZ, Clifford – “Deep Play: Notes on the Balinese Cock-fight”. In *The Interpretation of Cultures*. Nova Iorque: Basic Books, 1973.

envolva dinheiro; só de ficar gozando com a cara dos que perderam, já vale jogar!”, revela Bolinha, que afirma ter participado de momentos de intensa rivalidade entre seu time e o de seu cunhado, quando as peladas ocorridas nas noites de 2ª feira reuniam verdadeiras “multidões” em torno da quadra de esportes localizada logo na entrada da comunidade: - “Não valia nada, mas era mais disputado que título de campeonato; é por isso que tinha gente pra todo lado querendo ver o arranca-rabo!”.

Tive a oportunidade de acompanhar algumas das peladas disputadas por alguns membros da família dos baianos. Eram ocasiões em que as emoções se punham afloradas, com lances ríspidos e disputas viris ao longo da peleja, além de constantes discussões.

Atualmente, a partida das segundas-feiras não acontece mais, porém, todo final de ano, em dezembro, os baianos travam um tradicional embate entre eles, num jogo em que somente são aceitos indivíduos pertencentes à família. Trata-se de um evento particular que, no entanto, atrai considerável atenção, propiciando a aglomeração de muitos curiosos à beira da quadra.

Em campo, os jogadores se comportam como se estivessem numa final de campeonato, visto que um eventual fracasso implicará ao grupo derrotado a indesejável pecha de “freguês” ao longo de todo o ano seguinte, tornando-o alvo de muita chacota até uma nova edição do desafio se realizar. Pude perceber que a enorme disposição demonstrada pelos participantes contagia e empolga a torcida presente, pois não são raros os bate-bocas e as discussões entre os jogadores, gerando trocas de insultos e impropérios, para diversão de quem os assiste.

É perceptível que a repetição anual do embate entre os baianos cria expectativa entre um razoável número de moradores locais que, por sua vez, divertem-se amontoados sobre a

cerca que isola a quadra. Mostra-se como uma tradição bem-vista e simpática que gera também importantes dividendos, como o fortalecimento da identidade dos baianos e da autoridade como “moradores efetivos”. Ter a identidade reconhecida pela população local pode representar, num ambiente ainda hostil e violento, um pouco mais de segurança e mais liberdade para transitar, afinal, com todos sabendo de quem se tratam (o que fazem e onde moram), deixam de representar alguma ameaça ao banditismo local.

O Campeonato Amador de Futebol de Várzea do Varjão

Há, porém, uma modalidade ainda mais popular e que mobiliza um número considerável de jogadores, torcedores e organizadores dentro do Varjão e até mesmo das adjacências, como o Lago Norte, por exemplo. Trata-se do campeonato amador de futebol de várzea, disputado anualmente, e cujo título garante à equipe vencedora a premiação em dinheiro de uma quantia incerta, além de troféu e medalhas.

A duração do certame é longa, indo de maio a dezembro, e não tem número de inscritos fixo, dependendo do interesse dos clubes amadores em disputá-lo a cada edição. No ano de 2011, a liga desportiva local obteve 14 inscritos.

O Campeonato estava em sua 16ª edição, e há muitos anos que os baianos dele participavam, sem, no entanto, jamais havê-lo conquistado. Na melhor das hipóteses, alcançaram o segundo lugar em uma única oportunidade; neste ano, obtiveram a terceira colocação.

A extenuante tabela obriga os times a cumprir inúmeros compromissos, com jogos ocorrendo durante a semana e também aos finais de semana. A grande frequência com

que os jogadores se veem, rodada após rodada, ano após ano, os torna relativamente conhecidos entre si, bem como os torcedores e toda gama de pessoas envolvidas na realização da competição – dos árbitros ao presidente da liga, passando pelos atletas, os familiares que os prestigiam e os demais presentes, bem como pelos vendedores ambulantes que faturam com qualquer aglomeração, por menor que seja -, e por mais que não se tornem amigos uns dos outros, é notória a intimidade com que se tratam, corriqueiramente com gozações e apelidos jocosos. Entre as poucas dezenas de torcedores que costumam comparecer aos jogos, o clima é harmonioso entre “velhos conhecidos”; não são adversários, ainda que torçam por equipes distintas.

A participação é extremamente democrática, sendo vetada somente a jogadores profissionais – princípio muitas vezes ignorado pelas equipes, pois é mais que eventual a colaboração de jogadores “de fora”, bons de bola, que normalmente recebem uma determinada quantia por partida, acordada com antecedência: – “Todo mundo sabe que isso acontece”, revela um dos jogadores que há muitos anos disputa a competição. Na prática, os melhores jogadores acabam se tornando alvo de disputa entre os participantes, recebendo propostas para defender suas cores. Os demais – jogadores verdadeiramente amadores – participam por prazer e se sacrificam um bocado para atender à demanda de jogos.

Em anos anteriores, os baianos disputaram algumas edições do campeonato pelo time do **Palmeirinhas**, mas, conforme informei, nunca ganharam o título. Ao final da última temporada, um deles se desentendeu com o técnico da equipe, abandonando-a e, de quebra, levando consigo todos os demais baianos que atuavam no time: - “Para onde um vai, os outros vão atrás!”, afirma Bolinha.

Optaram pelo **Racing**, com a promessa de que lá, todos eles seriam aproveitados.

Entretanto, observei que os jogadores passaram a maior parte do torneio sentindo-se contrariados quanto a algumas decisões do técnico do time. Discordavam quanto à escalação de jogadores que seriam sabidamente menos qualificados, mas com os quais o treinador estaria “fazendo média”.

O campeonato, aliás, apesar de importante no calendário esportivo anual do Varjão, não foi, ao menos nesta edição (2011), tratado como uma atividade tão séria assim pelos jogadores do **Racing** – e, possivelmente, pelos jogadores de quase todas as equipes. Prova disso é a falta de compromisso por parte de muitos deles em relação aos jogos, ao longo de todo o campeonato. Não raro, algum jogador aparecia de ressaca para jogar, sem dormir ou mesmo ainda embriagados pela farra da véspera.



17 A equipe do Racing no início do torneio local: confiança em alta

A punição, normalmente, vinha em forma de suspensão. Isso causava atrito, pois os jogadores, em geral, levavam a desavença para o lado pessoal, encampando uma queda-de-braço que apenas resultava em prejuízo ao time. O que era para ser apenas uma

suspensão pontual, poderia se transformar, subitamente, numa guerra de egos e, não raro, num desfalque para várias rodadas, ou até mesmo na exclusão definitiva de um jogador do elenco.

O desinteresse, porém, pode haver encontrado respaldo na desorganização que marcou a edição deste ano. Majoritariamente, por conta da suspensão do pagamento que a Liga Desportiva do Varjão fazia aos árbitros e auxiliares que trabalhavam no campeonato, o que determinou sua interrupção por um período de cerca de três meses. Neste ínterim, muitos jogadores deixaram de treinar e perderam ritmo de jogo. E quando houve, enfim, um acordo, a competição pôde ser reiniciada, mas o ânimo dos jogadores do **Racing** já não era mais o mesmo.

Grama Sintética

Até o ano de 2010, o campo de futebol no qual se disputavam os principais campeonatos do Varjão era de terra batida. Naquele ano, no entanto, a comunidade foi beneficiada com a substituição deste por um campo de grama sintética. Entretanto, não foram feitas estruturas como banco de reservas ou arquibancadas, senão o campo e uma cerca que circunda todo o perímetro, impedindo o acesso ao gramado sintético.

A presença de torcedores ao redor do campo é tímida, até porque, além de não haver um local adequado que os abrigue, a obra de renovação do campo deixou como legado uma área de puro barro bem ao lado do campo; ora vira lama, ora pura poeira – o que não é nada convidativo. Anteriormente havia mais grama e mais árvores ao redor do campo de terra, sendo, portanto, mais aconchegante àquele que desejasse assistir a uma partida.

Não existe arquibancada ou qualquer proteção contra o sol ou a chuva. Os que por lá se

aventuram, costumam se concentrar na extremidade oeste do terreno, numa pequena elevação, cerca de 5 metros atrás de uma das traves, sob a copa da única árvore que sobrou após a substituição do campo de terra pelo de grama sintética. A sombra é larga e, dependendo do horário, comporta de duas a três dezenas de torcedores.



18 Ao fundo, a torcida se espreme sob a sombra da única árvore

A estes, resta torcer por seus familiares e amigos que correm em campo, muitas vezes sob o sol de meio-dia, a uma temperatura na casa dos 30 graus e com a umidade relativa do ar a 13%. Sempre há um vendedor de "churrasquinho de gato" e de bebidas; mas somente um, pois o público é reduzido. É comum que os próprios torcedores se organizem e façam, eles mesmos, um churrasco próximo ao campo.

Não houve como se certificar quanto à preferência do torcedor. Nenhuma equipe se destacou muito neste aspecto, e todos os que acompanharam aos jogos, o faziam mais por apego às gozações dispensadas aos jogadores - geralmente conhecidos entre si – do que propriamente pela torcida por qualquer um deles.

Sim, havia torcida e celebração pelas vitórias ou pelas fases avançadas, mas a atmosfera entre os torcedores se manteve sempre cordial e amistosa ao longo do campeonato. O **Racing**, talvez pela considerável quantidade de familiares de jogadores envolvidos— em especial, dos baianos—, garante sempre a presença de muitos parentes.



Assim como ocorre com as equipes de futebol profissional, antes e após os jogos, é comum ver os jogadores se reunindo em uma “roda de orações”, rito no qual eles pedem por proteção ou agradecem rezando um “Pai Nosso”, em voz alta e em ritmo marcial. Os católicos rezam, enquanto os evangélicos oram, sendo estes facilmente destacáveis no grupo por, ao invés de abraçarem os companheiros, erguerem as mãos para o céu para conversarem com Deus. A diversidade religiosa, no entanto, não se mostrou um entrave ou motivo de atrito entre os atletas.

Após a roda de orações, todos convergem para o centro do círculo, colocando uma das mãos sobre a bola (segurada pelo técnico), para então soltarem um grande grito de

guerra – no caso do time dos baianos, “**Racing!!!**” -, ao som de aplausos, enquanto se dispersam. No torneio do Varjão, todas as equipes, sem exceção, repetiam o ritual antes e após a partida.

Quanto aos jogadores do **Racing**, no início do torneio, tais momentos reuniam todos os jogadores, numa demonstração do quão unidos se encontravam naquele período. Em contrapartida, no transcorrer do campeonato, e à medida que celeumas eram criadas no seio do grupo, as rodas de fim de jogo chegaram a ser compostas por uns poucos atletas, além do técnico, evidenciando a falta de espírito coletivo então reinante.

O time do **Racing** se saiu bem na primeira fase, quando se classificou em primeiro lugar entre os 14 times. Depois, manteve um bom aproveitamento na segunda fase, quando conseguiu ficar entre as 4 equipes finalistas. O desempenho dos “baianos” era variado – havia quem se destacasse pelo lado positivo e também quem o fizesse pelo motivo contrário. Em torno àqueles, havia um clima geral de maior cordialidade e aceitação, ao posto que a estes, faltasse quem lhes prestasse maiores homenagens.

Evidência disso pode ser colhida ao observar que entre dois bares – ambos de propriedade de um membro diferente da mesma família – aquele que costumava receber visitas de colegas de equipe era justamente o pertencente àquele baiano que melhor performance apresentava em campo, enquanto que ao outro, ninguém acudia. Por esta razão, estes que mais se destacavam em campo possuíam uma teia maior de interlocutores fora do contexto familiar.

Mesmo não sendo simpático, um jogador poderia ser popular se se destacasse em campo. Foi este o caso do artilheiro do **Racing**, Edicarlos, que recebia “por fora”²⁸ para atuar pelo

²⁸ *Transação financeira informal na qual se efetua um pagamento (normalmente em espécie) sem autorização, ciência ou controle legal e oficial por parte das entidades envolvidas na organização do evento.*

time. O atleta em questão obtinha privilégios financeiros em troca de gols e, por conta disso, não se furtava a exibir-se em público com roupas e objetos de marca, além de um carro novo sempre muito bem cuidado e um visual moderno, com brincos e cabelo com gel, cortado ao estilo moicano (característica dos jovens talentos profissionais da atualidade) – uma ostentação que contrastava com o ambiente em que vivia o próprio jogador.



19 Edicarlos, artilheiro do Racing, comemora mais um gol

Suas aparições pós-jogo, no bar, quando se apresentava de banho tomado e roupas esportivas impecáveis, eram como as de um astro; com o carro lustrado estacionado em frente a todos, uma descida pernóstica e muita empáfia por trás dos óculos de sol. Apesar do comportamento arrogante fora de campo e da postura egoísta dentro dele, quando dificilmente passava a bola ao demais, preferindo sempre a jogada individual – atitude mal vista por seus próprios companheiros –, é respeitado por quase todos porque se mostra extremamente importante para o time, fazendo muitos gols.

E mesmo quem não atuasse dava um jeito de encontrar seu espaço e sua identidade ao se assumir com torcedor, massagista, auxiliar ou mesmo técnico, como foi o caso do Seu Tinho, poucos anos atrás. À ocasião, comandou a equipe do **Palmeirinhas**, conquistando a terceira colocação – fato que alardeia reiteradamente, sempre com muita ênfase e orgulho: - “Ficamos em terceiro, mas poderíamos ter sido campeões!!!”.

No atual certame, quando o **Racing** sofria um gol ou perdia um jogo, ele descarregava sua frustração sobre o atual comandante: - “Comigo no comando a coisa não era assim não: esse time tá uma bagunça!”. Seu Tinho acompanhou todos os jogos, seja junto aos torcedores, seja como auxiliar técnico informal, quando se punha à beira do gramado a berrar, do começo ao fim da partida, chamando mais atenção do que o próprio treinador. Parecia não conformar-se com a perda do cargo. Incomodado, o atual técnico proibiu sua permanência no banco de reservas, junto aos demais membros da comissão técnica (massagista, roupeiro, etc), o que gerou veementes protestos por parte do atingido. Entretanto, apesar de todas as críticas que ele fez à qualidade do treinador, o **Racing** terminou o campeonato na mesma terceira colocação por ele conquistada.

O aproveitamento do time, ao longo de todo o campeonato foi excepcional, atingindo quase 75% de pontos conquistados; foram pouquíssimas derrotas, algumas viradas e muitas goleadas. A cada jogo ou a cada vitória, porém, a relação entre jogadores e o técnico, ao contrário do que se esperava em quadros assim, se deteriorava. Antes, otimistas e comprometidos, os jogadores, agora, se mostravam pouco empolgados e confiantes na ideia de sagrarem-se campeões; o desânimo era a tônica presente.

As comemorações eram cada vez menos efusivas, e o clima de descontração entre os próprios jogadores tinha cada vez menos espaço nas preleções ou nos momentos pós-jogo. Evidenciou-se uma cisão entre o grupo, além de uma indisfarçável insatisfação

para com os trabalhos do técnico à frente da equipe, cuja irmã é presidente e "dona" do **Racing**. Alguns reclamam que o técnico não tenha competência ou mesmo experiência prévia, que desconheça esquemas táticos, e que só estaria dirigindo a equipe por questões de parentesco.

De todo modo, foi um ano extremamente atípico, visto que a paralização do campeonato foi determinante para o desmantelamento de algumas equipes, alterando drasticamente os cenários anteriormente engendrados.

Bolinha, prestigiado meio-campo do Racing, durante o tempo em que os jogos foram suspensos, expressou claramente seu desalento: - “Assim não dá nem gosto... Os times estão desmanchados, e muita gente – como eu mesmo – não joga há meses; tá todo mundo fora de forma!”.



20 Jogadores do Racing no momento da desclassificação - desunião explícita

A desclassificação da equipe, nas semifinais, foi melancólica, quando os batedores

desperdiçaram três cobranças na disputa das penalidades máximas. Após a última delas, a reação de todos foi menos de tristeza que de indiferença, sem qualquer demonstração aparente de cumplicidade entre os atletas pela derrota sofrida. A roda pós-jogo foi bem pequena, formada somente por alguns reservas. Os demais jogadores logo se dispersaram, sem qualquer reação que os vinculasse. Outros permaneceram e se misturaram à plateia presente, a fim de acompanhar a outra semifinal, prolongando sua participação no ritual futebolístico local, agora como torcedores, em meio aos demais, num real processo de integração social.



21 Torcedor exhibe uniforme do Juventude, equipe local

6. Conclusão

Em primeira instância, a mim pareceu que o futebol efetivamente cumpre, e com louvor, o “objetivo” de ser instrumento para integração social. De acordo com as situações observadas, em todas elas a relevância do futebol no cotidiano dos núcleos familiares acompanhados se mostrou considerável.

Durante o martírio que representa um processo migratório, partindo de um centro rural pouco desenvolvido para instalar-se numa capital moderna, mas socialmente excludente, o futebol sempre representou, aos baianos de Mundo Novo, uma espécie de moeda de troca comum em um ambiente dentro do qual, pelas necessidades imperiosas ao momento, a comunicação e a razão eram comumente deixadas de lado, prevalecendo a lei do mais forte.

Nesse ambiente demasiado hostil, os baianos agarraram-se ao futebol como um elemento fundamental para a inserção do grupo no conturbado microcosmos de violência que encontraram no Varjão. Ao se lançarem a campo, seja disputando uma acirrada pelada familiar, seja formando uma equipe amadora para o campeonato local, seja abrindo a porta de suas casas aos torcedores, os baianos conquistaram autoridade moral, não tanto pelas atuações em si – que, em alguns casos, deixavam a desejar -, mas por conta do fortalecimento do grupo no tocante à sua identidade.

A forma como se exibiam nos confrontos consanguíneos, quando se exasperavam a cada lance, lançando mão de provocações e ameaças, deixava transparecer a importância que davam àquele espaço de representação (a velha quadra de esportes) que lhes fora oferecido pela população local para que se apresentassem em sessões

contínuas. A cada dividida, demonstravam a virilidade do homem de Mundo Novo; a cada discussão, seu ímpeto era exibido; a cada gol bonito, a qualidade daquele indivíduo sertanejo vinha à tona; e a cada comemoração, a demonstração escancarada da alegria de viver pertinentes a eles explodia para que todos pudessem ver o quanto eram unidos e vibrantes aqueles baianos!

Há alguns anos, num tempo em que podiam se reunir semanalmente, visto que ainda não tinham emprego ou muita ocupação, chegaram a tornar a pelada entre eles uma atração de razoável envergadura, quando se contava a presença de muitas dezenas de moradores ao redor da quadra, somente para assistir à peleja familiar: - “Foi o tempo que ficamos conhecidos em todo o Varjão”, conta Bolinha; “Depois daquilo, tudo era mais fácil, pois já sabiam quem éramos nós. Qualquer problema: ah, é da família dos baianos!”.

Ao serem reconhecidos como “os baianos” dentre tantos outros baianos espalhados pelo Varjão, todos os indivíduos da extensa família conquistaram a legitimidade que os autorizava a se sentirem, efetivamente, instalados e aceitos no novo contexto que se lhes apresentava: “Antes da gente jogar futebol, ninguém conhecia; a gente só andava de cabeça baixa, com medo dos marginais”, revelou Bolinha.

As muitas formas de fruição do esporte se mostraram relevantes ao intensificarem, de distintas formas, sua utilização como instrumento de socialização, conforme se supunha, ao iniciar a pesquisa de campo. Em cada uma delas, porém, nota-se um diferente aspecto pelo qual a socialização se dá.

Ao assistirem à Seleção Brasileira se apresentar, por exemplo, é perceptível a sensação de cumplicidade entre os torcedores que, bem ou mal, estão todos sob a mesma

bandeira; a seleção simboliza toda a nação. Estando num bom momento, essa sensação de pertencimento se torna evidente e mostra todo seu poder de coesão. Basta lembrar o clima de euforia que tomou conta dos torcedores presentes ao bar do Janelson, logo após a seleção vencer o Chile, por goleada, quando se classificou para as quartas-de-final da Copa do Mundo da África do Sul - indubitavelmente, a maior demonstração de alegria coletiva que vi em todos os 18 meses de trabalho de campo – não havia uma única pessoa que não compartilhasse, naquele instante, do sentimento de extrema felicidade que o orgulho patriótico lhes oferecia. E mesmo quando não havia motivo para orgulhar-se do Brasil, a seleção não deixava de ser um fator de união entre aqueles que se aventuravam a assistir uma partida, no bar, ainda que pela dor ou pelo aparente desdém popular.

Explorando outro aspecto social presente no mundo do futebol – o da rivalidade -, percebi que as paixões antagônicas formam uma forte ponte entre os habitantes do Varjão, sejam familiares ou não. A competição entre os clubes pelos quais torcem se reflete num precioso combustível que rege as relações cotidianas de quase todos os indivíduos daquela sociedade. Mais até do que celebrar a conquista de um campeonato, o que dá prazer ao torcedor do Varjão é fazer gozação com os rivais.

Nesse sentido, a opção que muitos moradores (inclusive alguns dos baianos) fizeram de adaptar um bar à casa se mostrou acertada, propiciando um forte elo com a população, uma vez que ficava estabelecido um local “oficial” onde pudessem assistir aos jogos de futebol; em especial aqueles que fossem transmitidos pela TV por assinatura, inacessível à maioria.

Mesmo Janelson, dono de um gênio autoritário e conflituoso, sem se esforçar para fazer qualquer agrado aos clientes, conseguiu fazer do seu bar uma referência e local de

encontro – ainda que, majoritariamente, de palmeirenses.

O último dos “palcos” que analisei se supunha grandioso, mas revelou-se, em princípio, menos expressivo do que fora alardeado pelos próprios protagonistas. O campeonato amador gerou enorme expectativa por ser o maior dentre os disputados na região. No entanto, o comprometimento dos participantes e a participação de própria população foi aquém do que as quase duas décadas de tradição do torneio prometiam. É possível que a desorganização que marcou esta 16ª edição tenha contribuído para esse quadro. Nesse sentido, é necessário lembrar que, além da interrupção de dois meses durante o certame, houve ainda a postergação reiterada da final que, por conta do fim do ano, acabou sendo realizada quase 3 meses após as semi-finais.

Ainda assim, a própria história da participação dos baianos no torneio demonstra que a população enxerga nele um dos mais importantes eventos do calendário local. O campeonato se mostra um eficiente espaço de troca e convivência entre pessoas desconhecidas, muitas das quais se aproveitam da oportunidade para tornarem-se celebridades momentâneas, como jogador, ou mesmo simpáticas figuras, atuando como torcedor e animador, posto que a troca é o contexto imperante junto àqueles que assistem aos jogos.

Vale salientar que, ao contrário de outras atividades contidas no calendário oficial local, como shows de música ou festas religiosas, o campeonato amador de futebol foi inteiramente realizado em clima de cordialidade e festividade, sem a presença de qualquer necessidade de forças de repressão pública, como a polícia e afins.

Em que pese a venda de bebidas alcólicas nas imediações, a atmosfera encontrada à beira do campo era sempre amistosa, sendo facilmente detectada a presença de famílias

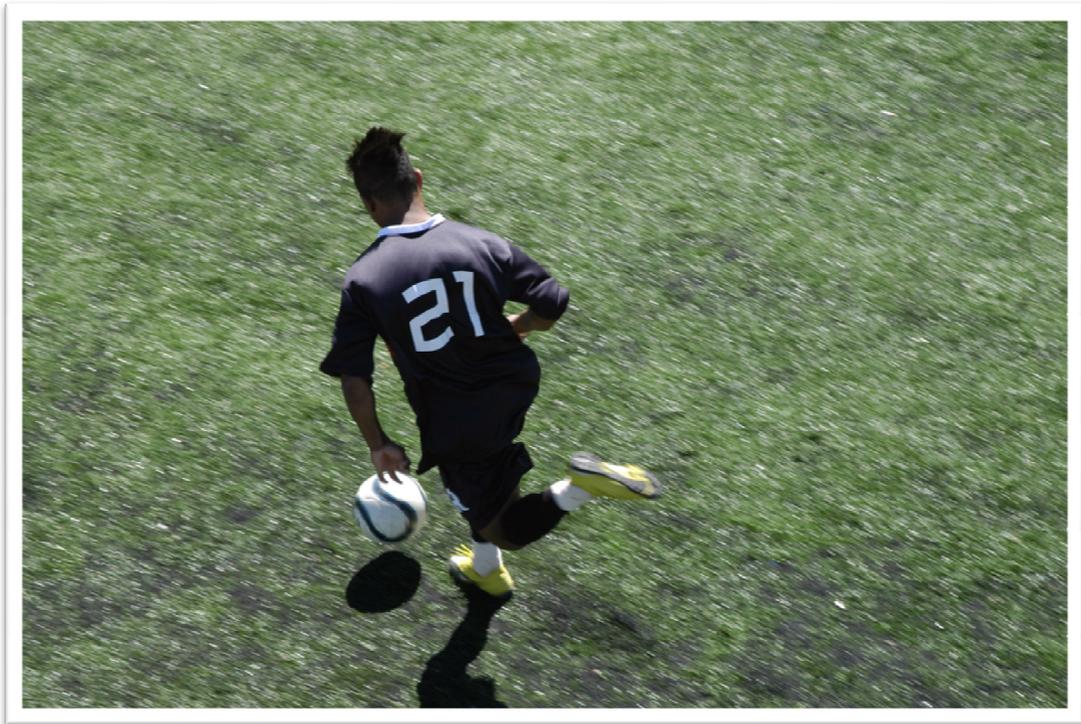
inteiras. Apesar de trivial, este panorama pode ser considerado salutar, dado o contexto geral de violência que ainda impera no Varjão, bem como a falta de locais apropriados ao lazer da população.



22 Crianças jogam bola na rua, em meio à escuridão

Desta feita, seria natural que o poder público se empenhasse em estudar maneiras de oferecer espaços adequados para a fruição do futebol, como campos e quadras esportivas, ou centros comunitários esportivos que reunissem torcedores em grande número, além de promover atividades (torneios, competições e eventos) ao cidadão que busque, por meio da prática do futebol, estabelecer novas redes de contato e relacionamento dentro da própria comunidade. Apesar dos projetos sociais já em

andamento, está claro ao observador que há carência nos aspectos acima descritos, tanto no campo prático (construção de locais apropriados), como no teórico, tal qual se comprova pela falta políticas públicas voltadas para a área.



23 Mais que um esporte, o futebol é ponte para a cidadania

7. Referências Bibliográficas

Cap. I

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 [1943]

DAMATTA, Roberto - *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006

Cap. II

ANDRADE, Liza e GOUVÊA, Luiz – *Vila Varjão: o problema da habitação como uma questão ambiental*. In: I CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL; 2004, São Paulo.

DAMO, Arlei Sander – *Do Dom à Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FICHTER, J. H. Definições para uso didático in: Fernandes, Florestan. *Comunidade e Sociedade: leitura sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. SP, Ed Nacional, EDUSP, 1973.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 [1943]

Cap. III

DAMATTA, Roberto - *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006

DAMO, Arley Sander - *A magia da seleção*. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, 2006.

GASTALDO, Édison Luis - *Pátria, chuteira e propaganda - o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo, Annablume, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud - *Os europeus do futebol brasileiro ou como a "pátria de chuteiras" enfrenta a ameaça do mercado*. In Gastaldo, Édison e Guedes, Simoni (orgs.), Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p.51-52: Complexo de vira-latas.

ROCCO JUNIOR, Ary José - *"Todos juntos vamos, pra frente Brasil" - o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28; 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005.

Cap. IV

DAMATTA, Roberto - *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006

DAMO, Arley Sander – *Futebol e estética*. São Paulo em Perspectiva 15(3), São Paulo, 2001.

LEVER, Janet – *A loucura do futebol (Soccer Madness: sport and social integration in Brazil)*. Petrópolis: Vozes, 1983

SOUZA, Marcelo Alves de – *A “nação em chuteiras”: raça e masculinidade no futebol brasileiro*. Brasília: Série Antropologia, 1996